

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Araraquara

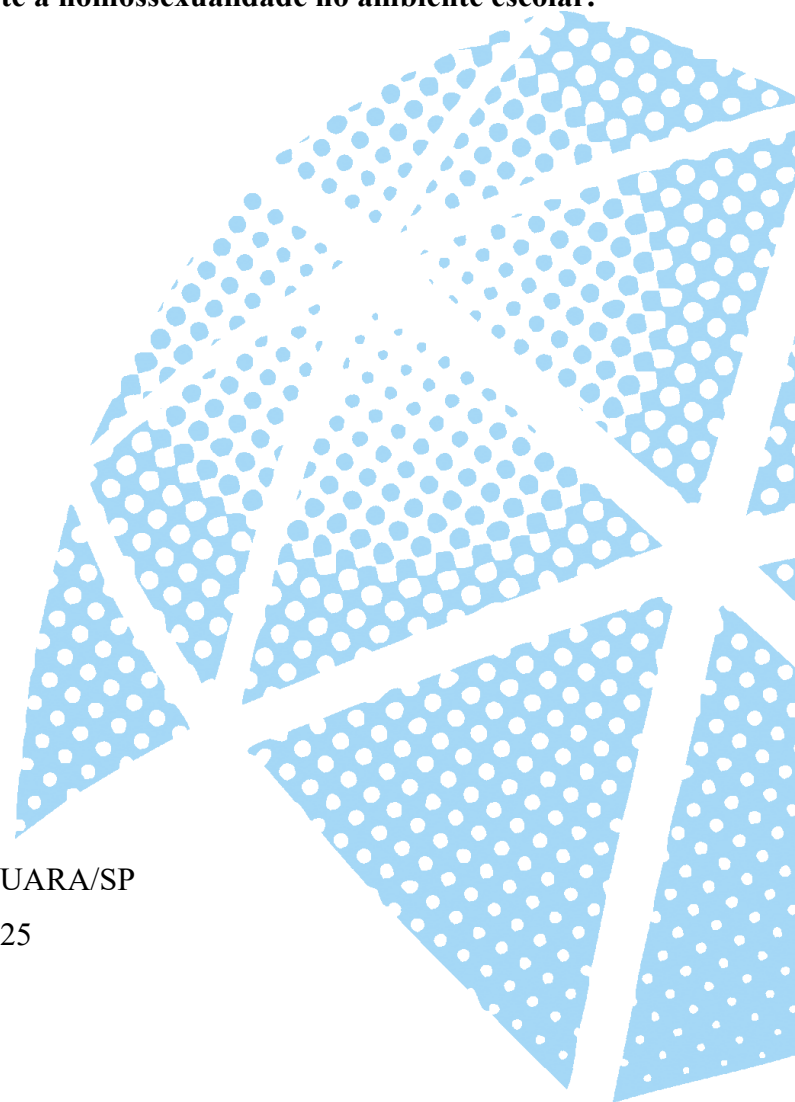
NAELLEN DE SOUZA OLIVEIRA

EDUCAR OU REPRIMIR?

Um estudo sobre a perspectiva docente frente à homossexualidade no ambiente escolar.

ARARAQUARA/SP

2025



NAELLEN DE SOUZA OLIVEIRA

**EDUCAR OU REPRIMIR? Um estudo sobre a perspectiva docente frente à
homossexualidade no ambiente escolar.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara para a qualificação do Mestrado em Educação Sexual.

Área de Concentração: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Sérgio Custódio

ARARAQUARA/SP

2025

O48e Oliveira, Naellen de Souza
 EDUCAR OU REPRIMIR? : Um estudo sobre a perspectiva docente frente
 à homossexualidade no ambiente escolar. / Naellen de Souza Oliveira. --
 Araraquara, 2025
 116 p.

 Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista
 (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
 Orientador: Vagner Sérgio Custódio

 1. Educação sexual. 2. Diversidade. 3. Preconceito e
 estigma. 4. Formação docente. 5. Políticas educacionais. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente pesquisa tem um impacto significativo tanto no campo educacional quanto no âmbito social, pois aborda a promoção da diversidade e a superação do preconceito no ambiente escolar. Diante de um cenário marcado por debates sobre inclusão e políticas educacionais, este estudo buscou contribuir para a compreensão das barreiras institucionais, sociais e culturais que dificultam a implementação de práticas pedagógicas inclusivas, ao mesmo tempo em que aponta estratégias que podem ser viáveis. O impacto desta pesquisa pode trazer aos profissionais da educação um diagnóstico das dificuldades enfrentadas na abordagem da diversidade e da identidade de gênero em sala de aula. A identificação da falta de capacitação docente, da resistência das famílias e da ausência de políticas institucionais pode possibilitar a criação de diretrizes mais eficazes para a formação inicial e continuada de professores. Dessa forma, este estudo pode subsidiar ações que fortaleçam a autonomia pedagógica dos educadores, preparando-os para lidar com temas sensíveis de maneira fundamentada e segura. No âmbito institucional, a pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas mais consistentes para a inclusão da diversidade no currículo escolar. A ausência de diretrizes formais e o receio de represálias são fatores que podem desestimular professores e gestores a tratarem do tema, promovendo uma situação de silenciamento e invisibilização dessas pessoas. Ao demonstrar essas dificuldades, este estudo pode influenciar o desenvolvimento de propostas legislativas e políticas educacionais que garantam a inclusão da diversidade de forma estruturada, promovendo um ambiente escolar mais democrático e acolhedor. O impacto social da pesquisa pode contribuir para o debate público sobre a importância da educação na desconstrução de preconceitos. A resistência da comunidade escolar e o avanço de discursos conservadores, apontados como desafios recorrentes, demonstram a necessidade de estratégias que ampliem o diálogo com as famílias e promovam campanhas de sensibilização para a importância da diversidade na formação de cidadãos críticos e participativos. Assim, os resultados deste estudo podem servir como base para iniciativas voltadas à conscientização social e ao combate à desinformação, ajudando a construir uma sociedade mais inclusiva com relação à orientação sexual.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The present research has a significant impact both in the educational field and in the social sphere, as it addresses the promotion of diversity and the overcoming of prejudice within the school environment. In a context marked by debates on inclusion and educational policies, this study aimed to contribute to the understanding of institutional, social, and cultural barriers that hinder the implementation of inclusive pedagogical practices, while also pointing out viable strategies. The impact of this research can provide education professionals with a diagnosis of the challenges faced when addressing diversity and gender identity in the classroom.

Identifying the lack of teacher training, family resistance, and the absence of institutional policies may enable the development of more effective guidelines for initial and continuing teacher education. In this way, the study can support actions that strengthen teachers' pedagogical autonomy, preparing them to deal with sensitive topics in a well-founded and confident manner.

At the institutional level, the research reinforces the need for more consistent public policies to include diversity in the school curriculum. The absence of formal guidelines and the fear of backlash are factors that may discourage teachers and school administrators from addressing the topic, leading to a situation of silencing and invisibility of these individuals. By highlighting these challenges, this study may influence the development of legislative proposals and educational policies that ensure the structured inclusion of diversity, promoting a more democratic and welcoming school environment.

The social impact of this research may contribute to the public debate on the importance of education in deconstructing prejudice. The resistance from the school community and the rise of conservative discourses, identified as recurring challenges, demonstrate the need for strategies that broaden dialogue with families and promote awareness campaigns on the importance of diversity in forming critical and engaged citizens. Thus, the results of this study can serve as a foundation for initiatives aimed at raising social awareness and combating misinformation, helping to build a more inclusive society regarding sexual orientation.

NAELLEN DE SOUZA OLIVEIRA

**EDUCAR OU REPRIMIR?: Um estudo sobre a perspectiva docente frente à
homossexualidade no ambiente escolar**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para a qualificação de Mestre(a) em Educação Sexual.

Área de Concentração: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Data da defesa: 16/04/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vagner Sérgio Custódio
UNESP - Campus de Rosana

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Ramos de Souza Bonfim Faculdade
Dom Bosco – Cornélio Procópio - PR

Prof^ª. Dr^ª. Bernadete Lema Mazzafera
UNOPAR - Universidade Norte do Paraná – Londrina - PR

Dedico este trabalho a memória da minha avó, meu amor verdadeiro.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação. Agradeço, primeiramente, à Deus que me sustenta a cada dia, minha família, pelo apoio incondicional, pelo incentivo e por acreditarem no meu potencial em todas as etapas dessa jornada acadêmica.

Agradeço ao meu melhor amigo Julian, por aguentar todos meus desabafos e minhas crises existenciais durante este período, e foram muitas as vezes que precisei de seu colo, e agradeço sua esposa Jéssica por toda paciência comigo.

À minha amiga Lilian, que desde que este mestrado era apenas sonho, acreditou e incentivou-me, a cada desespero onde pensei em desistir, ela me ouviu e me ajudou a não perder o foco.

À minha amiga Janaína Vieira que mesmo distante sempre me apoiou e nunca deixou de acreditar em mim.

À uma pessoa que admiro, Dr. Breno Enoki, muito obrigada por sempre ter disponibilizado seu tempo e me auxiliado, você faz parte dessa história e sempre será meu advogado favorito.

Ao meu orientador Prof.º Dr. Vagner Sérgio Custódioi, que me auxiliou e por diversas vezes me socorreu, agradeço também os puxões de orelha que foram construtivos durante esse processo.

Agradeço as professoras da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a. Cláudia Ramos de Souza Bonfim e Prof.^a. Dr.^a. Bernadete Lema Mazzafera, pela paciência, orientação, e pelas valiosas contribuições durante todo o processo de pesquisa e escrita.

Aos professores e colegas do programa de pós-graduação, por compartilharem conhecimentos e experiências que enriqueceram minha trajetória acadêmica.

Aos participantes desta pesquisa, professores das escolas municipais de Jaboticabal/SP, que gentilmente dispuseram de seu tempo para contribuir com seus depoimentos e respostas, permitindo a realização deste estudo. Sem a colaboração de vocês, esta dissertação não seria possível.

Por fim, agradeço a todos que acreditaram no meu potencial.

“O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação.”

Demerval Savianni

RESUMO

Esta pesquisa investigou os desafios e possibilidades da inclusão da diversidade e do enfrentamento do preconceito no ambiente escolar, com foco na perspectiva de educadores e profissionais da educação. O estudo analisou os principais entraves para a abordagem da diversidade de gênero e orientação sexual nas escolas, identificando fatores como a resistência de pais e responsáveis, a falta de capacitação docente, a ausência de políticas institucionais e a influência de discursos conservadores e fundamentalistas. A metodologia adotada foi a análise de conteúdo de Bardin (1977), aplicada a respostas qualitativas coletadas por meio de questionários com educadores. A partir da categorização das respostas, constatou-se que, apesar do reconhecimento da importância do tema, diversos obstáculos dificultam sua implementação efetiva no currículo escolar. A resistência da comunidade escolar e a falta de apoio institucional foram apontadas como barreiras recorrentes, levando muitos professores a se sentirem inseguros para abordar questões relacionadas à diversidade sexual em sala de aula. Além disso, a ausência de diretrizes formais pode contribuir para um ambiente onde o preconceito e a discriminação ainda ocorram. Os participantes sugeriram diversas estratégias para enfrentar esses desafios, incluindo a realização de palestras, rodas de conversa, projetos interdisciplinares e a capacitação contínua dos professores. Algumas respostas também destacaram a necessidade de inserir a diversidade como um tema transversal no currículo, dentro de disciplinas como Ciências e História. Os resultados apontaram para a necessidade de um compromisso coletivo entre educadores, gestores, estudantes e famílias, bem como a formulação de políticas públicas mais eficazes para assegurar um ambiente mais democrático, e mais inclusivo. Concluiu-se que a promoção da diversidade sexual nas escolas depende não apenas de iniciativas pedagógicas isoladas, mas de uma melhoria estrutural na gestão da educação.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Diversidade; Preconceito; Formação docente; Políticas educacionais.

ABSTRACT

This research investigated the challenges and possibilities of promoting diversity and confronting prejudice in the school environment, focusing on the perspectives of educators and education professionals. The study analyzed the main obstacles to addressing gender diversity and sexual orientation in schools, identifying factors such as resistance from parents and guardians, lack of teacher training, absence of institutional policies, and the influence of conservative and fundamentalist discourses. The adopted methodology was Bardin's content analysis (1977), applied to qualitative responses collected through questionnaires completed by educators. Based on the categorization of these responses, it was found that, despite the recognition of the importance of the topic, several obstacles hinder its effective implementation in the school curriculum. Resistance from the school community and lack of institutional support were identified as recurring barriers, leading many teachers to feel insecure about addressing issues related to sexual diversity in the classroom. Additionally, the absence of formal guidelines may contribute to an environment where prejudice and discrimination still occur. Participants suggested various strategies to address these challenges, including organizing lectures, discussion circles, interdisciplinary projects, and continuous teacher training. Some responses also highlighted the need to integrate diversity as a cross-cutting theme in the curriculum, within subjects such as Science and History. The results pointed to the need for a collective commitment among educators, administrators, students, and families, as well as the development of more effective public policies to ensure a more democratic and inclusive environment. It was concluded that the promotion of sexual diversity in schools depends not only on isolated pedagogical initiatives but also on structural improvements in the management of education.

Keywords: Inclusive education; Diversity; Prejudice; Teacher training; Educational policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	<i>Gráfico quanto a idade dos participantes</i>	42
Figura 2 -	<i>Gráfico quanto a formação acadêmica dos participantes</i>	43
Figura 3 -	<i>Gráfico quanto a identidade de gênero dos participantes</i>	45
Figura 4 -	<i>Gráfico quanto a orientação sexual dos participantes</i>	47
Figura 5 -	<i>Gráfico quanto às áreas de atuação dos participantes</i>	48
Figura 6 -	<i>Gráfico quanto ao tempo de docência dos participantes</i>	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 01-	<i>Respostas para a pergunta: Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar?</i>	54
Quadro 02-	<i>Respostas para a pergunta: Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?</i>	58
Quadro 03-	<i>Respostas para a pergunta: Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?</i>	62
Quadro 04-	<i>Respostas à pergunta: Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?</i>	65
Quadro 05-	<i>Respostas à pergunta: Você acredita que a inclusão de conteúdos relacionados a diversidade sexual no currículo escolar poderia ajudar a combater o preconceito? Como você abordaria esses temas em sua disciplina/aula?</i>	69
Quadro 06-	<i>Respostas à pergunta: Quais são os impactos contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares?</i>	73
Quadro 07-	<i>Respostas a pergunta: Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais?</i>	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT	Administração Científica do Trabalho
AIT	Associação Internacional do Trabalho
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	17
2.DESENVOLVIMENTO	25
2.1Educação sexual e sexualidade	25
2.1.1Contextos históricos sobre sexualidade	25
2.2 Fundamentos da educação sexual:definições e perspectivas	29
2.2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL	31
2.3 Professores, estigmas e diversidade sexual nas escolas	35
3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4.RESULTADOS.....	39
4.1Dados da pesquisa.....	39
4.2 Análise geral do perfil dos participantes	50
5.ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	52
6.ANÁLISE GERAL DAS RESPOSTAS	75
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES - RESPOSTAS	85

1. INTRODUÇÃO

A diversidade sexual e de gênero tem sido um tema de relevância crescente no campo educacional, principalmente no que tange às percepções e atitudes dos professores em relação às questões de identidade de gênero e orientações sexuais.

Estudos indicam que o ambiente escolar pode tanto reforçar quanto combater estigmas e preconceitos, influenciando diretamente a experiência acadêmica e o bem-estar emocional dos estudantes LGBTQIAPN+ (Louro, 2001; Foucault, 2019).

Nesse contexto, a presente pesquisa busca compreender o olhar docente relacionado à diversidade sexual no segmento de alunos homossexuais e compreender de que forma essas percepções impactam o cotidiano escolar.

O problema central desta investigação reside na compreensão do impacto dos estigmas docentes sobre a inclusão e aceitação da diversidade sexual no ambiente escolar. A questão norteadora do estudo é: como as percepções e preconceitos dos educadores influenciam o ambiente escolar e o bem-estar dos estudantes LGBTQIAPN+? Essa problematização emerge da necessidade de compreender os desafios enfrentados por esses alunos e de propor estratégias para mitigar o impacto negativo de possíveis discriminações e exclusões no espaço educacional.

Diante dessa problemática, os objetivos gerais desta pesquisa inclui identificar as percepções e atitudes dos docentes sobre alunos homossexuais no ambiente escolar.

Como objetivos específicos, busca-se: analisar como os estigmas dos professores afetam a inclusão de estudantes LGBTQIAPN+ e o clima escolar; examinar a formação inicial e continuada dos professores em relação à diversidade sexual; e propor diretrizes pedagógicas para a construção de um ambiente mais inclusivo e equitativo.

A relevância desta investigação se justifica pelo impacto significativo que a atuação dos docentes exerce sobre a experiência escolar dos estudantes LGBTQIAPN+. O preconceito e a discriminação nesse contexto podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, a autoestima e a permanência desses alunos na escola (Freitas, 2015; Butler, 2018). Dessa forma, compreender as percepções dos professores e suas implicações para o cotidiano escolar é fundamental para a formulação de políticas educacionais e práticas pedagógicas mais inclusivas.

A base teórica desta pesquisa se ancora em referências da área de educação, sexualidade e gênero, como os estudos de Louro (2001), que discutem a construção social da sexualidade e a necessidade de abordá-la no contexto educacional; Foucault (2019), que

analisa a sexualidade como um dispositivo de poder moldado por normas e discursos sociais; e Freire (1996), cuja pedagogia libertadora enfatiza a importância da educação como um processo de conscientização e emancipação dos sujeitos.

A metodologia adotada para a investigação baseia-se em uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com professores e análise documental de diretrizes educacionais voltadas à diversidade sexual. A escolha desse método permite uma compreensão mais aprofundada das percepções docentes e das políticas institucionais que regulam a abordagem da diversidade sexual no âmbito escolar.

Este estudo se justifica pela necessidade urgente de combater os estigmas e preconceitos relacionados à diversidade sexual na educação básica. Ao investigar as percepções dos professores e propor estratégias para uma educação mais inclusiva, espera-se contribuir para a criação de um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e equitativo para todos os estudantes, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Além disso, os resultados podem subsidiar a elaboração de programas de formação continuada para docentes e a implementação de políticas públicas que promovam a inclusão e o respeito à diversidade sexual nas escolas.

A relevância da pesquisa se insere em um contexto educacional que tem enfrentado desafios para garantir a inclusão e o respeito às diferenças. O ambiente escolar deve ser um espaço de acolhimento e de formação cidadã, e cabe aos educadores o papel de agentes transformadores nessa realidade. Assim, a investigação busca contribuir não apenas para o debate acadêmico, mas também para a formulação de práticas pedagógicas que promovam o respeito e a valorização da diversidade, essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa perspectiva, esta dissertação é resultado de um desejo que surgiu das complexidades da minha jornada pessoal e das inquietações que moldaram minha construção social, e é um tema que me toca profundamente.

O desejo de explorar a educação sexual no contexto educacional nasce de uma interseção entre minhas vivências pessoais, a superação de situações abusivas e a necessidade premente de desafiar os estigmas que permeiam a comunidade LGBTQIAPN+, aos quais estive diretamente ligada.

A sigla LGBTQIAPN+ representa um conjunto diverso de identidades de gênero e orientações sexuais, refletindo a multiplicidade de experiências humanas e as lutas históricas por reconhecimento e direitos. Essa denominação visa dar visibilidade a grupos que, ao longo da história, enfrentaram discriminação e marginalização, promovendo um

entendimento mais amplo da diversidade sexual e de gênero na sociedade contemporânea.

Cada letra da sigla corresponde a uma identidade específica, destacando diferentes formas de orientação sexual e identidade de gênero:

- **L (Lésbicas):** mulheres que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres.
- **G (Gays):** homens que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens.
- **B (Bissexuais):** indivíduos que sentem atração por mais de um gênero.
- **T (Transgêneros, Transexuais e Travestis):** pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo designado ao nascimento.
- **Q (Queer):** termo que abrange identidades não normativas, desafiando as categorias tradicionais de gênero e sexualidade.
- **I (Intersexo):** indivíduos que nascem com características sexuais biológicas que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino.
- **A (Assexuais):** pessoas que não sentem atração sexual ou a vivenciam em diferentes graus.
- **P (Pansexuais e Pangêneros):** indivíduos cuja atração afetiva e/ou sexual não se restringe a um gênero específico.
- **N (Não-binários):** aqueles cuja identidade de gênero não se enquadra na classificação binária de masculino ou feminino.
- **+ (Outras identidades):** o símbolo "+" representa todas as demais identidades de gênero e orientações sexuais que não estão explicitamente mencionadas na sigla, garantindo a inclusão de diferentes vivências que não se enquadram nas categorias tradicionais.

O uso da sigla LGBTQIAPN+ transcende a mera nomenclatura e se estabelece como um instrumento de representatividade e afirmação política. Segundo a Cartilha LGBTQIAPN+ da Aliança Nacional (2022), essa terminologia busca reconhecer e legitimar as experiências desses grupos, promovendo respeito, equidade e inclusão.

Dessa forma, a adoção da sigla em diferentes contextos – educacionais, legislativos e sociais – fortalece a luta contra a discriminação e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e diversa.

Ao longo da minha jornada, a curiosidade tornou-se minha aliada constante,

incentivando-me a compreender e questionar as normas sociais, os preconceitos arraigados e a importância da educação sexual como ferramenta de empoderamento e libertação.

A minha experiência de vida, marcada por momentos dolorosos de abuso, tornou-se um catalisador para a busca de conhecimento e compreensão, particularmente no campo da educação sexual.

Compreender o poder da informação, a consciência do meu corpo e o meu direito de ajudar foi fundamental para a minha capacidade de quebrar as cadeias do abuso e iniciar o processo de cura e capacitação.

Como resultado, a educação sexual tornou-se não apenas um interesse acadêmico, mas uma necessidade vital, uma arma que melhorou a minha tomada de decisões e a minha autodeterminação.

Além disso, deparei-me com os duros estigmas sociais que cercam a comunidade LGBTQIAPN+.

Sentindo na pele as consequências desses estigmas e a necessidade urgente de desconstruí-los, percebi que a educação sexual desempenha um papel crucial na promoção de uma sociedade mais inclusiva, tolerante e respeitosa.

A compreensão das diversas manifestações de sexualidade e afetividade é um caminho para combater o preconceito e a discriminação, e a escola representa um espaço privilegiado para essa transformação.

Dessa forma, o interesse pela educação sexual foi renovado, impulsionado pelo compromisso de criar um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e fundamentado no respeito à diversidade e na promoção da equidade.

A sexualidade é um assunto muito estigmatizado, cheio de tabus, e diante essa realidade se faz necessário compreender a dimensão dessa temática.

A sexualidade faz parte da condição humana e é abordada em diferentes aspectos, envolvendo assim questões biológicas, psicológicas, culturais, também atreladas a questões econômicas, legais e religiosas.

Ao nos aprofundarmos um pouco mais podemos observar que segundo Louro (2010) a sexualidade era tida como um assunto privado, portanto, deveria ser tratada apenas com uma pessoa muito próxima, íntima e de forma singular, de forma geral a autora apresenta que questões relativas à sexualidade era um assunto particular.

Louro (2010), nos apresenta que se faz necessário compreender que a sexualidade, não exerce um papel apenas de cunho pessoal, mas é também social, político e que se constrói ao longo da vida, de diferentes modos e contempla todas as pessoas.

A sexualidade é cercada de mitos, crenças e repressões, falar sobre essa vertente é um assunto delicado, é notória a discriminação, o que torna difícil a abordagem de discussões acerca dessa temática. A carência de conhecimento e a repressão que permeiam a sexualidade, acabam por intensificar os obstáculos diante essa realidade.

Louro (2001), aponta que para desmistificar os preconceitos em torno da sexualidade é preciso compreender os aspectos que a englobam, pois, a sexualidade (é inerente a vida humana) está presente em nosso meio e se manifesta de diferentes formas e em inúmeros contextos.

Butler (2018), também nos apresenta que as identidades de gênero e as orientações sexuais são construções sociais, sendo assim, esses papéis não estão inscritos na biologia do ser humano.

Cada indivíduo é um ser único, portanto, a sexualidade deve ser entendida como única a cada indivíduo. É importante ressaltar que não existe uma fórmula para descrever a sexualidade ou então um caminho definido para compreendê-la, mas sim diferentes modos de vivê-la.

A instituição escolar tem como prioridade a formação de cidadãos críticos e reflexivos, dos educadores espera-se que estes sejam capazes de compreender a temática sexualidade para além de paradigmas e estigmas pré-estabelecidos, a comunidade escolar deve estar apta a lidar com as diferenças, que esteja disposta a superar preconceitos e quebrar tabus que foram impostos por uma sociedade heteronormativa.

Figueiró (2009), apresenta que para trabalhar a Educação Sexual é necessário ter clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. Sexo está relacionado diretamente ao ato sexual e a satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual. Já a sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou sentimento mútuo do bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade.

Com o passar dos anos, o sexo foi deixando de ser reprimido, ou seja, passou a ganhar espaço, a ser mais expressivo, seja no falar, no ouvir, no escrever e até mesmo no agir. Mesmo que essas mudanças venham permeando esse cenário, mesmo que as pessoas passem a falar sobre a sexualidade cada vez mais cedo, não significa que a repressão e a estigmatização tenham acabado.

Tratar sobre a sexualidade é compreender que essa pauta possui forte influência no comportamento humano, o que implica na construção da identidade do indivíduo, assim sendo, incide em valores, cultura, e educação que compõem uma sociedade. Com base nessas informações, torna-se possível fazer um levantamento sobre as crenças e percepções

dos professores diante a diversidade sexual que permeiam as escolas, assim construindo uma perspectiva de como essa concepção impacta o ambiente escolar.

Maio (2012), nos apresenta que cabe a escola a transmissão da aprendizagem formal, científica e organizada historicamente, mas a escola ainda se mostra resistente em trabalhar questões relacionadas a sexualidade.

Trabalhar a temática da diversidade sexual é importante, uma vez que abrange a efetivação da cidadania, que engloba fatores como os direitos humanos, gênero e a própria sexualidade, assim é possível dar visibilidade a conceitos que possuem pouco espaço de discussão dentro das unidades escolares. Ao analisarmos questões históricas, é possível verificar que com o passar do tempo, o sexo foi deixando de ser limitado pela sociedade, ganhando assim mais espaço. Quando observamos as mudanças que permeiam a sociedade, é possível perceber que falar sobre sexualidade está cada vez mais evidente, mas na contramão disso tudo, a repressão ainda existe.

A escola de educação básica, ao acolher uma ampla diversidade cultural, torna-se um ambiente verdadeiramente enriquecedor para explorar como a sexualidade exerce sua influência na cultura e no comportamento das crianças em idade escolar e dos professores diante toda diversidade. O ambiente escolar ao abraçar essa diversidade e promover discussões abertas e respeitadas sobre o tema, desempenha um papel vital na formação de cidadãos conscientes e tolerantes, capazes de compreender e respeitar as múltiplas dimensões da sexualidade em nossa sociedade.

A temática da diversidade sexual é de extrema importância no contexto educacional, pois se configura como um dos pilares para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e respeitosa. Diante dessa relevância, torna-se imperativo realizar uma pesquisa aprofundada sobre as percepções, crenças e perspectivas dos professores no que se diz respeito à diversidade sexual no ambiente escolar. Os educadores, enquanto agentes transformadores, possuem um papel crucial na promoção de um ambiente educacional que valorize e respeite a pluralidade de orientações sexuais, identidades de gênero e expressões da sexualidade humana.

Essa pesquisa pode proporcionar uma compreensão mais ampla sobre as visões e preconceitos que ainda possam existir no âmbito educacional, bem como identificar estratégias e abordagens que os professores utilizam para trabalhar a diversidade sexual em suas práticas pedagógicas. É fundamental que haja uma reflexão constante sobre as percepções dos educadores, pois isso pode impactar diretamente na criação de um ambiente escolar acolhedor, onde todos os alunos se sintam respeitados e representados,

independentemente de sua orientação sexual.

Ademais, essa pesquisa busca encontrar um diagnóstico que esclareça se os estigmas acerca da diversidade sexual nas escolas se fazem presente para professores da cidade de Jaboticaba/SP e através dessa análise pode-se pensar em subsídios para políticas educacionais mais inclusivas e orientadas para o combate à discriminação e aos estigmas, possibilitando a elaboração de programas que capacitem os profissionais a lidarem com a diversidade sexual de forma ética, respeitosa e eficaz.

A presença de comportamentos ligados a sexualidade entre os alunos na escola constitui uma realidade que não pode mais ser ignorada. É notável, no entanto, que o tema permanece envolto em silêncio dentro dos ambientes educacionais. Os professores muitas vezes, parecem ignorar ou evitar discutir qualquer abordagem relacionada a sexualidade, possivelmente devido a preconceitos e estigmas profundamente enraizados na sociedade.

A dificuldade em tratar a sexualidade de forma adequada e esclarecedora pode ser atribuída à vivência de uma educação sexual repressiva durante a formação dos professores. O objetivo de forma geral se dá na análise profunda para compreender se essas condutas restritas e repressivas estão de fato relacionadas a falta de informação/formação ou atrelada a estigmas e preconceitos.

A questão da diversidade sexual nas escolas é um tema emergente e relevante, especialmente em um cenário global que busca a equidade e inclusão de todas as formas de expressão de identidade e orientação sexual. As escolas são ambientes formativos cruciais, onde atitudes, valores e percepções são moldados. Portanto, é imperativo que esses espaços sejam inclusivos e acolhedores para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Estudos apontam a presença de estigmas e preconceitos no ambiente escolar, especialmente aqueles direcionados a estudantes LGBTQIAPN+. Esses estigmas podem se manifestar de várias formas, desde comentários depreciativos e piadas até discriminação aberta e bullying.

Segundo Meyer (2003), esses preconceitos são frequentemente perpetuados por uma cultura escolar que não desafia adequadamente as normas heteronormativas e cis normativas. A falta de treinamento e conscientização dos educadores contribui para a manutenção desses estigmas, resultando em um ambiente escolar que pode ser hostil e excludente para estudantes LGBTQIAPN+.

Os professores desempenham um papel central na formação das atitudes e comportamentos dos alunos. No entanto, estudos indicam que muitos educadores não se

sentem preparados para lidar com questões de diversidade sexual em sala de aula. De acordo com Freitas (2015), essa falta de preparo pode levar a uma perpetuação de estigmas, mesmo que de forma não intencional. Educadores que não possuem formação adequada ou que carregam preconceitos pessoais podem, inconscientemente, reforçar estereótipos e criar um ambiente não inclusivo.

A formação continuada dos professores é essencial para a desconstrução de preconceitos e a promoção de um ambiente escolar inclusivo. Freire (1996) enfaiza importância da educação permanente para os educadores, destacando que o processo de aprender e reaprender deve ser contínuo.

Programas de formação que abordem a diversidade sexual de forma abrangente e crítica podem capacitar os professores a desenvolverem práticas pedagógicas inclusivas e a atuarem como agentes de transformação social. A discriminação e o preconceito no ambiente escolar podem causar impactos negativos significativos no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional dos estudantes LGBTQIAPN+.

Russell et al. (2011) demonstram que alunos que experienciam um ambiente escolar inclusivo tem melhor desempenho acadêmico e maior bem-estar psicológico. Portanto, ao diagnosticarmos os estigmas dos professores e promovermos a formação adequada, estamos não apenas criando um ambiente mais justo, mas também favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos.

Este estudo justifica-se pela urgência em compreender e combater os estigmas relacionados à diversidade sexual no ambiente escolar, especialmente aqueles perpetuados por educadores. A investigação visa identificar as lacunas na formação dos professores e propor intervenções que promovam a inclusão e o respeito à diversidade sexual nas escolas. Além disso, a pesquisa buscou contribuir para a literatura acadêmica, oferecendo dados empíricos e teóricos que possam embasar políticas educacionais e práticas pedagógicas inclusivas.

Ao abordar a diversidade sexual nas escolas, voltada para alunos homossexuais, esta dissertação pretende não apenas identificar os estigmas existentes, mas também fornece ferramentas para a transformação do ambiente escolar, promovendo um espaço de respeito e valorização da diversidade, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Analisar como os estigmas dos professores afetam o ambiente escolar e o bem-estar dos alunos LGBTQIAPN+ e examinar a formação inicial e continuada dos professores em relação à diversidade sexual.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Educação sexual e sexualidade

A história da sexualidade é um campo de estudo que analisa as mudanças nas atitudes, comportamentos e normas sexuais ao longo da história. É possível verificar diferentes teorias e abordagens históricas sobre o assunto, buscando entender como a sexualidade foi influenciada por contextos sociais, culturais e políticos específicos. A análise está inserida na história social e cultural, explorando as relações entre poder, identidade, corpo e desejo.

Na Grécia Antiga, certas formas de homoafetividade eram aceitas, enquanto o Cristianismo medieval impôs restrições severas à sexualidade, associando-a à reprodução e ao matrimônio heterossexual (Delumeau, 1990).

No século XIX, a medicina e a psiquiatria classificaram práticas sexuais como desvios, reforçando discursos normativos que vinculavam a sexualidade à moralidade e à saúde (Weeks, 1985). A partir do século XX, com o avanço dos estudos de gênero e da teoria queer, a sexualidade passou a ser vista como fluida e socialmente construída, sendo central nos debates sobre poder e desigualdade (Butler, 1990; Louro, 2001).

Compreender essa trajetória é essencial para problematizar discursos que perpetuam exclusões e preconceitos na sociedade contemporânea.

2.1.1 Contextos históricos sobre sexualidade

Michel Foucault, um dos filósofos mais importantes do século XX, revolucionou o estudo da sexualidade com seu livro "História da Sexualidade", lançado em 1976. A sua abordagem inovadora revolucionou o campo ao questionar conceitos tradicionais e destacar a complexidade das relações entre poder, conhecimento e sexualidade. Foucault defende que a sexualidade não é fixa ou apenas biológica, mas sim uma construção social e histórica. Ele sugere que a forma como compreendemos e discutimos sexo é fortemente influenciada pelos contextos sociais e históricos. Segundo Foucault, a sexualidade é influenciada por discursos, instituições e práticas de poder que mudam com o tempo. De acordo com ele, a sexualidade deve ser vista como um dispositivo. Trata-se:

“um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”(Foucault, 2019, p.365).

De acordo com Foucault (2012), as normas sociais frequentemente indicam que as

mulheres possuem um estatuto inferior na sociedade em comparação com os homens. Esses valores, construídos ao longo da história, transformaram a divisão do trabalho entre os gêneros, perpetuando a noção de que as mulheres detêm menos poder devido à suposta fraqueza física. Essa estrutura social não apenas reflete os papéis sociais atribuídos aos gêneros, mas também legitima a hierarquia entre homens e mulheres, marginalizando as mulheres e restringindo suas oportunidades de participação plena na sociedade.

Neste sentido, ao reforçar o conceito de sexualidade para melhor compreensão de suas implicações sobre o gênero, o autor afirma que:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações de sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não se explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, as diferentes idades e classes sociais (Foucault, 2017a, p. 102).

A sociedade da Grécia antiga baseava-se no patriarcado. Conforme os estudos de Foucault (2017a), o casamento na Grécia antiga tinha um propósito principalmente econômico, visando proporcionar notoriedade, influência e direitos de propriedade. Além disso, o casamento era visto como uma cerimônia de transição para a idade adulta dos noivos. Segundo Foucault, às mulheres eram destinados principalmente os afazeres domésticos. Através do casamento, as mulheres adquiriam o status de cidadãs, o que lhes conferia o direito de participar de casamentos, cerimônias fúnebres e solenidades religiosas.

Foucault (2017b) destaca mudanças significativas na representação das mulheres ao longo da história. Durante o período Paleolítico, as mulheres eram retratadas como figuras heroicas, sublimes e perfeitas, com sua fertilidade sendo altamente respeitada. Contudo, com o advento da cultura grega, a percepção sobre as mulheres sofreu uma mudança drástica. Elas passaram a ser vistas como dominadas e submissas, com seus desejos sendo restritos a propósitos religiosos e reprodutivos. Nesse novo cenário, os homens conseguiram se destacar, livres das limitações impostas às mulheres (Campos, 1981, citado por Nunes, 2005).

Essas afirmações demonstram como a sexualidade está intimamente ligada e profundamente enraizada na sociedade, com propósitos específicos que impactam tanto

homens quanto mulheres. É fundamental reconhecer que se trata de um movimento histórico inserido na cultura social, criando a aparência de algo natural e eterno, conforme enfatizado por Foucault (2012a). No entanto, essas ideias foram criadas, implementadas e mantidas através de discursos intencionais. Tanto a sexualidade quanto o gênero são fortemente influenciados por dinâmicas políticas e sociais, estando imersos em jogos de poder e interesses diversos. Esses aspectos incluem a organização familiar, a transmissão e a preservação de valores e bens culturais.

Foucault (2017a) diz que durante a Idade Média, com a supremacia do Cristianismo, as produções, compilações e escritos sobre o desejo eram muitas vezes ligados à profanação, pecado e castigo subsequente. Neste contexto, o sexo passou a ser considerado indecente e imoral, afetando o corpo e alma dos cristãos. A única exceção era a relação sexual no casamento, com o objetivo exclusivo de ter filhos. O autor destaca que:

“Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado — e, ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era "condenado" — mas seria, também, preciso perguntar por que hoje em dia nos culpamos tanto por ter outrora feito dele um pecado? Através de que caminhos acabamos ficando "em falta", com respeito ao nosso sexo?” (Foucault, 2017a, p. 14).

Entre os anos de 1545 e 1563, foi realizado o Concílio de Trento, inicialmente convocado pelo Papa Paulo III e posteriormente conduzido por outros pontífices. Entre as principais resoluções do Concílio, destacam-se aquelas relacionadas à sexualidade, que desempenharam um papel crucial na formação das concepções contemporâneas sobre o tema.

Nunes (2005), aponta que:

“Após o Concílio de Trento a sexualidade foi fortemente condenada, havia a figura do inferno que incitava muito medo na população, e era pregado como lugar de pecadores e fornicadores, prostitutas e invertidos. Clérigos e freiras pegos em pecado são queimados e enforcados. Mulheres e homens têm suas partes sexuais queimadas. Ao lado do enquadramento ideológico, criam-se mecanismos reais de repressão de toda sexualidade livre” (Nunes, 2005, p. 52).

Nunes (2005), ainda aponta que o Concílio de Trento reforçou as diretrizes da Igreja sobre sexualidade, no que se diz respeito ao matrimônio, o Concílio de Trento estabeleceu novas normas rigorosas, incluindo a exigência de virgindade como condição para a obtenção de permissão paterna.

Essas normas tinham como objetivo reforçar a moralidade e a pureza dentro da

instituição matrimonial, alinhando-se aos valores religiosos e sociais da época. Não o bastante, o Concílio de Trento destacou que as obras de arte do Renascimento, como pinturas e esculturas, promoviam a imoralidade e, portanto, deveriam ser proibidas.

Essa atitude demonstrava a preocupação da Igreja em supervisionar as expressões artísticas que desafiavam os valores éticos e religiosos da época. O que se queria com tais ações era evitar qualquer tipo de manifestação que pudesse promover comportamentos imorais ou desviar os fiéis dos princípios cristãos, enfatizando assim a influência da Igreja na sociedade. Para garantir que as artes respeitassem os valores religiosos, a medida visava prevenir influências prejudiciais à fé e à moralidade dos fiéis.

Conforme discutido por Foucault (2019), no século XIX, a análise da sexualidade estava segmentada em duas abordagens principais. A primeira, de caráter religioso, buscava regular os comportamentos sexuais por meio do sacramento da confissão. A segunda abordagem, de natureza médica, centrava-se em práticas de higiene voltadas para a reprodução e a prevenção de doenças associadas à sexualidade.

O autor ainda destaca que a sexualidade é cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo; o quarto dos pais.

Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos (Foucault, 2017a, p. 7).

Observa-se que, ainda no século XIX, a sociedade mantinha padrões morais estritos e preservava uma postura puritana, mesmo diante dos avanços científicos. Questões relacionadas à sexualidade eram rigorosamente mantidas dentro dos limites do lar, evitando-se a exposição pública desses assuntos.

Guacira Louro (1997) em sua obra, oferece uma análise crítica e aprofundada das transformações históricas das práticas e discursos sexuais, destacando como essas mudanças estão intrinsecamente ligadas às estruturas de poder e controle social.

Louro (2001) sustenta que a sexualidade, ao contrário de ser um aspecto exclusivamente biológico e imutável da condição humana, é uma construção social sujeita a transformações significativas ao longo do tempo e em diferentes lugares. Ela destaca que os discursos sobre sexualidade são criados e perpetuados em variados contextos históricos e culturais, influenciando percepções e comportamentos de indivíduos e grupos.

Guacira Louro observa que, na era moderna, houve uma intensificação na medicalização da sexualidade. Esse fenômeno ocorreu quando a ciência médica começou a interpretar e regulamentar práticas e comportamentos sexuais. Esse processo não apenas apontou a homossexualidade como comportamentos considerados desviantes, mas também fortaleceu normas sexuais destinadas a controlar o corpo e as ações das pessoas. A medicalização estabeleceu uma visão normativa sobre a sexualidade, impactando profundamente as percepções e comportamentos sociais.

Outras análises podem ser observadas para compreender a história da sexualidade, com o passar do tempo, algumas questões foram se transformando, entre elas, aquelas relacionadas aos papéis de homens e mulheres na sociedade. Um exemplo notável é a conquista do direito de voto pelas mulheres, que marcou o início de uma contínua luta pela igualdade de direitos.

Gradualmente e com muita perseverança, as mulheres obtiveram acesso às universidades, o direito de adquirir bens, a garantia da guarda dos filhos em casos de divórcio, entre outros avanços significativos (Spitzer, 2005).

De forma sucinta esse capítulo buscou ressaltar como as ideias sobre a sexualidade mudaram ao longo da história e de acordo com diferentes teorias. Desde Michel Foucault, observa-se que a sexualidade tem sido influenciada por diversas forças sociais, culturais e políticas. Compreender essas mudanças é crucial para analisar as dinâmicas de poder, identidade e desejo presentes nas sociedades atuais.

2.2 Fundamentos da educação sexual: definições e perspectivas

A educação sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é "um processo de aprendizagem ao longo da vida sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade" (OMS, 2010). No contexto brasileiro, a definição e implementação da educação sexual têm sido influenciadas por diversos estudiosos e educadores ². Estes especialistas destacam a importância de abordar a sexualidade de maneira holística e integrada, enfatizando que a educação sexual deve incluir não apenas informações biológicas, mas também aspectos emocionais, sociais e culturais.

O desenvolvimento dos indivíduos é um processo contínuo, moldado por uma variedade de fatores culturais, econômicos e históricos, além de outros contextos. A sexualidade, sendo uma característica intrínseca ao ser humano, surge como um tópico essencial para debates e reflexões em diferentes ambientes, incluindo as escolas. No entanto, esse tema frequentemente provoca insegurança e apreensão entre professores e outros

envolvidos no processo educacional.

Estudos na área de educação, como os de Foucault (1976) e Weeks (1985), indicam que integrar a sexualidade no currículo escolar é crucial para a formação integral dos alunos. Isso contribui para uma melhor compreensão de si mesmos e das relações interpessoais. Contudo, abordar esse tema nas escolas enfrenta grandes desafios, como a falta de preparo dos educadores, preconceitos sociais e a resistência de alguns setores da comunidade escolar.

Para abordar efetivamente a sexualidade na educação, é fundamental promover a formação continuada dos professores, desenvolver políticas educacionais inclusivas e engajar a comunidade escolar em um diálogo aberto e respeitoso sobre o assunto. Esse esforço colaborativo pode ajudar a reduzir as preocupações e inseguranças associadas à educação sexual, criando um ambiente escolar mais compreensivo e acolhedor para todos.

Guacira Lopes Louro é uma das vozes mais influentes na área da educação sexual no Brasil. Em sua obra de 1997, Louro destaca a importância de uma abordagem mais abrangente para a educação sexual, que vá além da simples transmissão de informações biológicas. Ela acredita que é fundamental incluir conversas sobre gênero, identidade e poder e que a educação sexual não é apenas sobre ensinar fatos, mas sim uma ferramenta poderosa para questionar normas sociais, promover a igualdade de gênero e incentivar a inclusão de todas as pessoas.

Paulo Freire, embora mais conhecido por suas contribuições à pedagogia crítica, oferece uma base sólida para a educação sexual. Freire (1996) sugere que a educação sexual deve ser um processo de conscientização crítica, onde os indivíduos são encorajados a refletir sobre suas próprias experiências e a questionar as normas e valores impostos pela sociedade. Ele defende uma abordagem educativa que promova a autonomia, o respeito pelos direitos humanos e a igualdade de gênero.

Outro aspecto importante é a formação de professores para a educação sexual. Marcos Ribeiro (2006), autor de diversos livros sobre sexualidade e educação, destaca a necessidade de preparar educadores para lidar com as complexidades e sensibilidade dos temas sexuais. Ele argumenta que a formação contínua e o suporte institucional são essenciais para que os professores possam abordar a sexualidade de maneira eficaz e sem preconceitos.

Marcos Ribeiro destaca a importância de uma abordagem abrangente e inclusiva na educação sexual. Ele enfatiza que a educação sexual não deve se limitar apenas às informações biológicas sobre reprodução, mas deve incluir aspectos emocionais, sociais e culturais da sexualidade.

Ribeiro também coloca grande ênfase na preparação adequada dos educadores. Ele

argumenta que os professores devem receber formação contínua e suporte adequado para abordar temas sexuais de maneira sensível e informada. Essa preparação deve abranger tanto aspectos teóricos quanto práticos, permitindo que os educadores se sintam confiantes e competentes ao tratar de assuntos muitas vezes delicados e controversos. Ribeiro acredita que educadores bem preparados são essenciais para proporcionar uma educação sexual eficaz e respeitosa.

Outro ponto crucial na abordagem de Ribeiro é a necessidade de adaptar a educação sexual ao contexto dos estudantes. Ele defende que é essencial considerar as diversas realidades sociais e culturais dos alunos, ajustando o conteúdo educacional para atender às suas necessidades específicas. Essa flexibilidade é fundamental para garantir que a educação sexual seja relevante e eficaz, respeitando as particularidades e diversidades de cada grupo de alunos.

Ribeiro aponta ainda a importância de envolver a comunidade nesse processo educativo, a participação de pais, responsáveis e a comunidade como um todo é o caminho para promover um diálogo aberto e honesto sobre sexualidade. Essa inclusão visa reforçar os valores ensinados na escola e oferece uma rede de apoio para os jovens.

De modo geral essa perspectiva integradora é essencial para desenvolver uma educação sexual eficaz e transformadora, capaz de contribuir significativamente para o bem-estar e desenvolvimento saudável dos jovens.

2.2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL

A educação sexual no Brasil tem se transformado ao longo das décadas, navegando por desafios culturais, sociais e políticos que refletem a própria evolução da sociedade. Desde suas primeiras iniciativas, muitas vezes tímidas e limitadas, até os dias atuais, onde o debate é intenso e as mudanças são constantes, a educação sexual tem sido um campo de significativas discussões e evoluções.

Estimular a discussão e a reflexão sobre sexualidade dentro das escolas é uma meta importante para alcançar uma educação completa e inclusiva. A escola, sendo um lugar onde se constrói e compartilha conhecimento e se formam cidadãos, pode, entretanto, reforçar conceitos e ideias que já existem fora dela, vindos de diferentes contextos, como famílias, grupos religiosos e a sociedade em geral.

De maneira geral, a sociedade evita discutir temas relacionados ao sexo e à sexualidade devido a conhecimentos superficiais e preconceitos enraizados. No entanto, evidências indicam que programas educacionais sobre sexualidade contribuem de forma

abrangente para a promoção da abstinência ou adiamento do início da vida sexual, a redução da frequência de relações sexuais desprotegidas, a diminuição do número de parceiros sexuais e o aumento do conhecimento sobre a importância da proteção contra gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis (UNESCO, 2010).

A pesquisa realizada pela UNESCO (2010) sobre sexualidade está presente no documento *Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Essa pesquisa teve como objetivo fornecer diretrizes embasadas em evidências científicas para a implementação de programas de educação sexual em diversos países, analisando seus impactos na redução de riscos relacionados à sexualidade juvenil.

O estudo foi realizado no contexto global, analisando países que adotaram programas de educação sexual tanto em escolas quanto em outras instituições governamentais, por meio da implementação de políticas públicas. Os resultados obtidos demonstraram sucesso significativo, com impactos positivos em todos os objetivos propostos pelos programas, incluindo a promoção de comportamentos sexuais mais responsáveis.

No entanto, é importante destacar que a simples implementação de programas de educação Sexual não solucionará completamente essas questões. Embora não seja realista esperar que um programa educacional, isoladamente, possa eliminar o risco de HIV e outras DSTs, da gravidez indesejada, da atividade sexual coercitiva ou abusiva e da exploração sexual, programas adequadamente planejados e implementados podem reduzir alguns desses riscos e as vulnerabilidades subjacentes (UNESCO, 2010, p. 02).

As iniciativas implementadas nesses programas são cruciais tanto do ponto de vista biológico quanto sanitário, mas também têm o potencial de fomentar debates e reflexões no ambiente escolar.

A educação sexual tem estado nas instituições escolares no Brasil desde os primórdios, ainda que de forma silenciosa ou implícita. O que varia ao longo do tempo é a direção dos discursos e os objetivos com que são tratados. Louro (2014) enfatiza que:

“Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”.

Ao observarmos o século XIX nos deparamos com a época do Vitorianismo, neste período pode-se verificar uma repressão à sexualidade, o indivíduo era levado a negar sua própria sexualidade, tudo isso associado a normas sociais e religiosas. Outro aspecto marcante é que a sexualidade estava atrelada a sentimentos como a culpa, imoralidade, pecado, sendo assim rigidamente controlada.

A Era Vitoriana (1837-1901), embora tenha ocorrido no Reino Unido, teve forte influência sobre diversos países, incluindo o Brasil, especialmente no que diz respeito à moralidade, aos papéis de gênero e à repressão da sexualidade. Essa ligação se deu por meio da disseminação de valores europeus no Brasil, tanto na elite quanto nas instituições religiosas e educacionais.

A atividade sexual voltada ao prazer era repudiada, sendo esta aceita apenas dentro do casamento e seu propósito era a procriação, além do mais o que se esperava da esposa Vitoriana é que ela desprezasse o sexo, o que reflete uma forte repressão às mulheres.

Era possível verificar uma atribuição de papéis comportamentais designados ao masculino e feminino de forma bem rígida e a percepção acerca da orientação homossexual era ainda mais inflexível, sendo interpretada de duas maneiras distintas: “[...] para os tradicionalistas, uma perversão; para os modernos, uma patologia” (Carelli, 2017, p. 15).

A educação sexual no Brasil no início do século XX, foi fortemente influenciada pelos movimentos internacionais de saúde pública e educação. No início, as iniciativas estavam principalmente focadas na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e na promoção da higiene. Segundo Ribeiro (2008), "a educação sexual começou timidamente nas escolas brasileiras, inicialmente voltada para questões de higiene e saúde pública" (p. 23). Esse enfoque inicial refletia uma preocupação predominante com a saúde física, deixando de lado os aspectos emocionais, sociais e culturais da sexualidade, que são igualmente importantes para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

A década de 1990 marcou um período significativo para a educação sexual no Brasil, com a implementação de políticas públicas e programas específicos voltados para a saúde sexual e reprodutiva.

Os PCNs foram introduzidos na década de 1990 pelo Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de orientar a prática pedagógica nas escolas brasileiras. Os PCN reconhecem a importância da educação sexual como parte integral da formação dos estudantes e propõem uma abordagem transversal e interdisciplinar. A educação sexual é tratada de forma a permear diversas áreas do conhecimento, garantindo que os alunos recebam uma formação ampla e abrangente.

De acordo com os PCN, a educação sexual deve abordar não apenas os aspectos biológicos, mas também os afetivos, sociais e culturais da sexualidade. Isso inclui discussões sobre identidade de gênero, diversidade sexual, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez na adolescência, e a importância dos relacionamentos saudáveis. Os PCN destacam que a educação sexual deve ser inclusiva, respeitando as diversidades e particularidades de cada grupo de alunos (Brasil, 1998).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, marcou um momento crucial na história da educação brasileira. Ela trouxe novas diretrizes para organizar e fazer funcionar o sistema educacional no país, com o objetivo de tornar a educação mais democrática, inclusiva e de qualidade. Dentro desse novo cenário, a inclusão da educação sexual no currículo escolar emergiu como uma inovação significativa, destacando-se como uma importante mudança para promover uma formação mais integral e consciente dos alunos.

A LDB visa à formação completa dos alunos, realçando a importância de uma abordagem que envolva várias disciplinas e perspectivas. A educação sexual é vista como um tema transversal, o que implica que deve ser continuamente integrada em diversas matérias e atividades escolares. Isso vai além do simples ensino de biologia e saúde, incluindo também a promoção de valores fundamentais como o respeito, a igualdade de gênero e os direitos humanos, preparando os estudantes para uma vida mais consciente e inclusiva.

Apesar dos desafios, a inclusão da educação sexual na LDB representa um avanço significativo. Estudos indicam que uma educação sexual bem-estruturada contribui para a redução de comportamentos de risco, aumenta o conhecimento sobre saúde reprodutiva e promove atitudes mais positivas e respeitosas em relação à diversidade sexual e de gênero.

É importante frisar que a implementação da educação sexual nas escolas brasileiras continua enfrentando diversos desafios. A resistência cultural, o conservadorismo religioso e a falta de preparo dos educadores são alguns dos principais obstáculos. De acordo com Heilborn (2004), "a resistência à educação sexual nas escolas está profundamente enraizada em tabus culturais e religiosos, que dificultam a implementação efetiva de programas educativos" (p. 45).

É importante refletir sobre os avanços e retrocessos na abordagem da educação sexual nas escolas. Em determinados períodos, o tema esteve no centro das ações educativas, enquanto em outros momentos foi proibido e sujeito a punições. Durante a década de 1920, por exemplo, a discussão sobre sexualidade era permitida, embora predominasse uma perspectiva higienista e médica. Com a diminuição das doenças, o desenvolvimento de novos medicamentos, vacinas, tratamentos e a melhoria das condições sanitárias urbanas, a tolerância em relação ao tema diminuiu (Guimarães, 1995).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 e implementada gradualmente a partir de 2018, representa um marco importante na organização do currículo escolar brasileiro. Embora não utilize com frequência a expressão "educação sexual", o documento contempla seus fundamentos de forma transversal, especialmente no componente curricular de Ciências, durante o Ensino Fundamental. A sexualidade é abordada como parte do desenvolvimento humano, sendo tratada sob uma perspectiva científica, ética e respeitosa, adequada à faixa etária dos estudantes.

A BNCC orienta que a temática seja trabalhada de maneira contextualizada, considerando aspectos biológicos, emocionais e sociais. São incentivadas práticas pedagógicas que promovam o respeito às diferenças, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o cuidado com o próprio corpo, a valorização da diversidade e o enfrentamento de preconceitos e violências. Nesse sentido, a educação sexual, ainda que não nomeada diretamente, está inserida como um eixo fundamental para a formação integral dos sujeitos, contribuindo para o desenvolvimento de competências relacionadas à responsabilidade, ao respeito mútuo e à convivência ética.

2.3 Professores, estigmas e diversidade sexual nas escolas

A diversidade sexual e de gênero é uma realidade que precisa ser reconhecida e respeitada no ambiente escolar. Contudo, é comum que professores demonstrem comportamentos estigmatizantes em relação à diversidade sexual, o que impacta negativamente o clima escolar e o desenvolvimento dos alunos LGBTQIAPN+. Esta pesquisa analisa e investiga a ocorrência desses comportamentos estigmatizantes.

Primeiramente se faz necessário compreender o que significa o termo estigma.

Erving Goffman é considerado uma das figuras mais influentes na pesquisa sobre estigmas. Com base em seu livro: "Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada", Goffman examina como a sociedade percebe e trata as pessoas estigmatizadas e como isso impacta suas vidas e identidades. Nesta obra ele explora como a sociedade categoriza indivíduos com base em características consideradas desviantes ou indesejáveis e analisa as maneiras pelas quais esses indivíduos lidam com tal rotulação.

O comportamento estigmatizante está relacionado a posturas e/ou comportamentos que excluem e discriminam os indivíduos com base em particularidades, como orientação sexual ou identidade de gênero.

Ao observar o ambiente escolar é possível verificar que essa situação pode se manifestar através de brincadeiras, comentários ofensivos, omissão diante de casos de

bullying, ou até mesmo pela utilização de métodos de ensino que não levam em consideração a variedade de orientações sexuais (Louro, 1997).

É possível elencar vários fatores que influenciam o comportamento estigmatizante dos professores em relação à diversidade sexual, tais como a falta de formação, valores pessoais e culturais e políticas institucionais.

Muitos professores não têm acesso a uma formação adequada sobre diversidade sexual e de gênero durante sua formação inicial e continuada. Essa carência de conhecimento resulta em atitudes preconceituosas e na proliferação de estigmas.

Além disso, os valores pessoais, religiosos e culturais dos professores frequentemente entram em conflito com o princípio da educação inclusiva. Somado a isso, políticas escolares que não são eficazes podem perpetuar ambientes educativos pouco acolhedores para a diversidade sexual.

Os efeitos adversos das atitudes e comportamentos estigmatizados dos docentes para com os alunos LGBTQIAPN+ podem gerar sérias consequências, incluindo: baixa autoestima e ansiedade, percepções negativas dos alunos sobre si mesmos que frequentemente levam a outros problemas de saúde mental; desempenho acadêmico prejudicado, tendo em vista à falta de abertura e apoio na escola, a maioria dos alunos apresentam um pior desempenho acadêmico e, como resultado, maior índice de evasão escolar.

O comportamento estigmatizado do professor fomenta um ambiente escolar hostil que prejudica não apenas os alunos LGBTQIAPN+, mas toda a comunidade escolar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa qualitativa acerca do enfrentamento do preconceito contra estudantes homossexuais no ambiente escolar fundamenta-se nos pressupostos metodológicos da análise de conteúdo de Bardin (2011).

Esse método permite a categorização dos dados de modo a identificar e interpretar os significados latentes presentes nos discursos analisados, possibilitando uma compreensão aprofundada sobre a temática abordada. A partir da leitura flutuante e da codificação dos dados, que emergem categorias de análise que apontam os principais desafios enfrentados na construção de um ambiente escolar inclusivo.

Dessa forma, esta pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos para diagnosticar os estigmas dos professores em relação à diversidade sexual no ambiente escolar. A utilização de uma metodologia mista proporcionou uma análise mais abrangente e detalhada do fenômeno estudado, permitindo uma compreensão mais profunda das percepções e atitudes dos professores (Creswell, 2014).

A primeira etapa da pesquisa envolveu uma revisão de literatura sobre diversidade sexual nas escolas, estigmas e preconceitos no ambiente escolar e a formação de professores em relação a questões de diversidade sexual. Foram analisados estudos nacionais e internacionais, com ênfase em trabalhos recentes que abordam a temática. Esta revisão teórica fundamentou a construção do questionário e a contextualização dos resultados obtidos.

Participaram desta pesquisa 50 professores de diferentes escolas da rede municipal de ensino da cidade de Jaboticabal/SP. A seleção dos participantes foi realizada de forma intencional, visando obter uma amostra representativa da diversidade de contextos educacionais presentes na cidade.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário anônimo, elaborado via *Google Forms*. O questionário foi composto por perguntas abertas que permitiram uma exploração mais aprofundada das percepções e atitudes dos professores.

O questionário foi distribuído aos participantes através de uma plataforma online (*Google Forms*), garantindo o anonimato e a confidencialidade das respostas.

A análise dos dados foi realizada em duas etapas principais: quantitativa e qualitativa.

Análise Quantitativa: Foi elaborado um Quadro de ocorrência a partir das respostas, apresentando a frequência dos diferentes estigmas identificados. Essa Quadro permitiu visualizar de forma clara a prevalência dos estigmas e preconceitos no ambiente

escolar.

Análise Qualitativa: As respostas às perguntas abertas foram analisadas utilizando a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Esse método envolveu a leitura das respostas, a categorização dos temas emergentes e a interpretação dos significados subjacentes. Ao combinar métodos quantitativos e qualitativos, esta pesquisa buscou não apenas quantificar a presença de estigmas entre os professores, mas também compreender as nuances e complexidades dessas atitudes. Dessa forma, espera-se ter contribuído para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, fundamentado em dados empíricos robustos e análises aprofundadas.

4. RESULTADOS

4.1 Dados da pesquisa

Participaram da pesquisa 50 professores da rede municipal de ensino, todos assinaram via *Google Forms*, um termo de declaração de consentimento esclarecido para participar do estudo conforme as normas vigentes para execução de pesquisas com seres humanos no Brasil.

Foram coletadas um total de 50 respostas, a aplicação dela foi conduzida de maneira voluntária e anônima, utilizando o *Google Forms* como plataforma de aplicação.

Dada a natureza sensível do tema abordado, a sexualidade, que é frequentemente considerado polêmico, foi crucial garantir o sigilo das informações fornecidas pelos participantes.

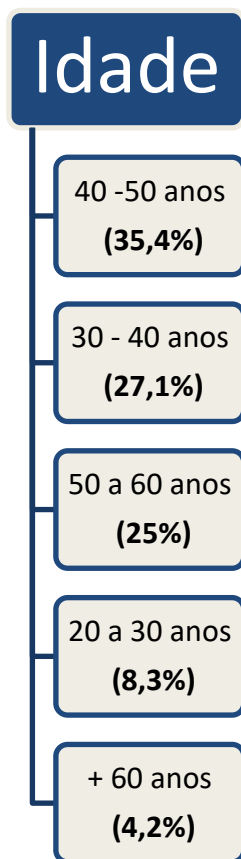
Essa medida foi fundamental para assegurar um maior número de respostas aos questionários.

Para caracterizar os sujeitos da pesquisa, foram incluídas perguntas sobre idade, formação acadêmica, identidade de gênero, orientação sexual, área de atuação e tempo de experiência na docência.

Essas informações permitiram a construção de um perfil dos participantes, o que possibilitou uma análise mais precisa e contextualizada dos dados coletados.

Quanto à idade dos participantes é possível verificar os resultados no Gráfico 01.

Figura 1 - *Gráfico quanto a idade dos participantes*



Fonte: autora via *Google Forms* (2025)

A Figura 1 apresenta um gráfico de distribuição etária dos participantes, obtido por meio do *Google Forms*, no ano de 2025. A análise quantitativa dos dados revela uma predominância das faixas etárias de 40 a 50 anos (35,4%) e 30 a 40 anos (27,1%), que juntas representam mais da metade da amostra.

Esses números indicam que a maioria dos participantes se encontra em uma fase adulta consolidada, o que pode sugerir uma maior experiência profissional e engajamento em atividades relacionadas ao objeto da pesquisa.

A terceira maior parcela corresponde ao grupo de 50 a 60 anos, com 25% dos respondentes. Esse dado sugere uma continuidade do interesse do público em atividades intelectuais e profissionais, mesmo em uma faixa etária próxima à aposentadoria.

A participação de indivíduos entre 20 e 30 anos é notavelmente menor, representando apenas 8,3% da amostra, o que pode indicar uma menor inserção desse público na temática investigada.

Da mesma forma, a presença de participantes com idade acima de 60 anos é ainda mais reduzida, atingindo apenas 4,2%, apontando um possível afastamento dessa faixa etária

das atividades propostas.

Do ponto de vista qualitativo, a distribuição etária dos participantes pode refletir características socioculturais e institucionais do contexto em que a pesquisa foi aplicada.

A expressiva participação de indivíduos entre 30 e 50 anos sugere que a temática abordada pode estar diretamente relacionada a essa fase da vida, possivelmente devido a fatores como estabilidade profissional, acesso a educação continuada e maior disponibilidade para participação em pesquisas.

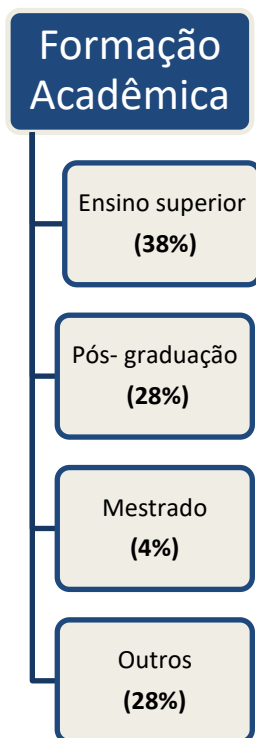
A menor adesão de faixas etárias mais jovens pode ser explicada por um menor interesse ou pela falta de divulgação da pesquisa em meios frequentados por esse público.

Já a baixa representatividade dos indivíduos com mais de 60 anos pode estar relacionada tanto à familiaridade com ferramentas digitais, como o *Google Forms*, quanto ao desinteresse ou à percepção de que a pesquisa não dialoga diretamente com suas necessidades e vivências.

Assim, a análise dos dados apresentados na Figura 1 permite inferir que a participação foi majoritariamente composta por adultos em fase produtiva e profissionalmente ativos, enquanto jovens e idosos tiveram menor representatividade. Esse panorama demonstra a necessidade de estratégias diferenciadas para alcançar outros grupos etários, seja por meio de metodologias alternativas de coleta de dados, seja por uma abordagem mais direcionada ao perfil de cada faixa etária.

No gráfico 02 é possível verificar a formação acadêmica dos participantes:

Figura 2 - Gráfico quanto a formação acadêmica dos participantes



Fonte: autora via *Google Forms* (2025)

O gráfico revela que a maior parte dos respondentes possui ensino superior completo (38,0%) ou alguma formação categorizada como "outros" (30,0%). O segundo maior grupo, representando 28,0% da amostra, corresponde àqueles que realizaram algum tipo de pós-graduação. Já o menor percentual (4,0%) pertence aos indivíduos que possuem título de mestrado, demonstrando uma baixa representatividade desse nível de formação na amostra.

Do ponto de vista quantitativo, observa-se que a maioria dos participantes tem, no mínimo, ensino superior completo, o que corresponde a mais de dois terços da amostra. Essa predominância sugere que a pesquisa foi aplicada em um contexto no qual o acesso ao ensino superior é uma característica marcante dos respondentes, podendo estar associada a um público acadêmico ou a profissionais que demandam qualificação.

A expressiva presença da categoria "outros" pode indicar que há participantes com formações não especificadas na pesquisa, como cursos técnicos, especializações de curta duração ou certificações não acadêmicas.

A análise qualitativa permite levantar hipóteses sobre o perfil do público envolvido na pesquisa. A elevada participação de pessoas com ensino superior e pós-graduação sugere um interesse acadêmico ou profissional alinhado com a temática do estudo.

O baixo percentual de mestres pode ser resultado de fatores como a menor

disponibilidade dessa população para responder a pesquisas ou uma possível baixa divulgação da coleta de dados em ambientes frequentados por esse grupo.

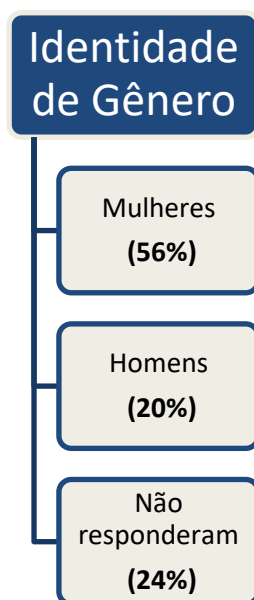
Além disso, a presença da categoria "outros" aponta para a necessidade de uma análise mais detalhada sobre os diferentes percursos formativos dos respondentes, uma vez que essa classificação pode englobar múltiplas trajetórias educacionais.

Dessa forma, a distribuição da formação acadêmica dos participantes sugere um público predominantemente formado por indivíduos com ensino superior e pós-graduação, reforçando a ideia de que a temática da pesquisa pode estar inserida em um contexto que exige qualificação formal.

Contudo, a presença de um percentual significativo na categoria "outros" destaca a importância de investigações complementares para compreender melhor as formações não especificadas e seu impacto na análise dos dados.

As informações sobre as identidades de gênero dos participantes, podem ser analisadas no gráfico 03:

Figura 3 - Gráfico quanto a identidade de gênero dos participantes



Fonte: autora via *Google Forms* (2025)

O gráfico revela que a maioria dos respondentes se identifica como mulher (56,0%), enquanto os homens representam apenas 20,0% da amostra. Além disso, um percentual

significativo de 24,0% dos participantes optou por não responder à questão, o que pode indicar uma diversidade de identidades de gênero não representadas nas categorias oferecidas ou uma escolha consciente de não se identificar com nenhuma delas.

Do ponto de vista quantitativo, a predominância feminina na pesquisa sugere que o tema abordado pode ser de maior interesse para mulheres e que o público-alvo da investigação é majoritariamente composto por elas.

A baixa participação de homens, por outro lado, pode refletir uma menor disponibilidade desse grupo para responder à pesquisa ou um menor envolvimento com a temática investigada.

Já o elevado percentual de não respondentes levanta questionamentos sobre a inclusão de outras identidades de gênero na formulação do questionário, bem como sobre possíveis resistências ou inseguranças dos participantes em se identificarem.

A análise qualitativa permite interpretar os dados sob diferentes perspectivas. A predominância de mulheres pode estar associada a uma maior representatividade feminina nos contextos acadêmicos ou profissionais vinculados à pesquisa. Também é possível que o tema investigado dialogue mais diretamente com questões de gênero que afetam majoritariamente mulheres, resultando em maior engajamento desse grupo.

A menor participação de homens pode estar relacionada a aspectos socioculturais que influenciam a adesão de determinados grupos a pesquisas sobre temas considerados sensíveis ou pouco abordados em seu cotidiano.

Já o percentual expressivo de participantes que não responderam à pergunta pode indicar tanto uma lacuna na inclusão de outras identidades de gênero quanto uma resistência em fornecer essa informação, o que pode estar relacionado a fatores como privacidade, receio de discriminação ou falta de identificação com as categorias oferecidas.

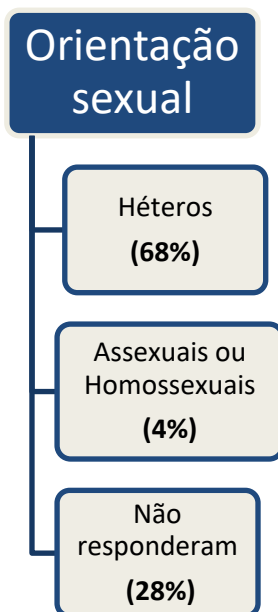
Dessa forma, a distribuição das identidades de gênero dos participantes sugere a necessidade de reflexões mais amplas sobre a representatividade dos diferentes grupos em pesquisas científicas.

A alta proporção de não respondentes destaca a importância de incluir categorias mais abrangentes e de garantir um ambiente seguro e acolhedor para que todos os participantes se sintam confortáveis em compartilhar suas identidades.

Além disso, a discrepância entre a participação de homens e mulheres pode indicar padrões socioculturais que influenciam o engajamento em pesquisas e a relevância de estratégias para alcançar públicos mais diversos.

O gráfico 04 apresenta a distribuição dos participantes quanto à orientação sexual:

Figura 4 - Gráfico quanto a orientação sexual dos participantes



Fonte: autora via *Google Forms* (2025)

O gráfico revela que a maioria dos respondentes se identifica como heterossexual (68,0%), enquanto apenas 2,0% se declararam assexuais e 2,0% se identificaram como homossexuais. Um percentual significativo, representando 28,0% dos participantes, optou por não responder à questão.

A análise quantitativa dos dados demonstra uma predominância da heterossexualidade na amostra, o que pode refletir tanto uma tendência demográfica quanto um viés na composição do público pesquisado.

O número reduzido de participantes que se identificam como parte da comunidade LGBTQIAPN+ pode ser interpretado sob diferentes perspectivas. Primeiramente, a baixa representatividade de orientações sexuais não heteronormativas pode indicar uma amostra pouco diversa ou um ambiente no qual indivíduos LGBTQIAPN+ não se sentem suficientemente confortáveis para se identificarem.

Além disso, o alto percentual de não respondentes sugere que uma parcela significativa dos participantes preferiu não divulgar sua orientação sexual, o que pode estar relacionado a fatores como privacidade, medo de exposição ou insegurança diante do ambiente da pesquisa.

Do ponto de vista qualitativo, os dados levantam reflexões sobre a inclusão e o acolhimento de diversidades sexuais nos espaços de pesquisa. O número expressivo de participantes que optaram por não responder pode indicar uma hesitação em se expor em contextos acadêmicos ou profissionais, o que reforça a necessidade de garantir um ambiente seguro para o compartilhamento dessas informações.

Além disso, a baixa representatividade de orientações não heterossexuais pode ser interpretada como um reflexo das dificuldades enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+ para se afirmarem publicamente, especialmente em ambientes nos quais ainda há discriminação ou invisibilização dessas identidades.

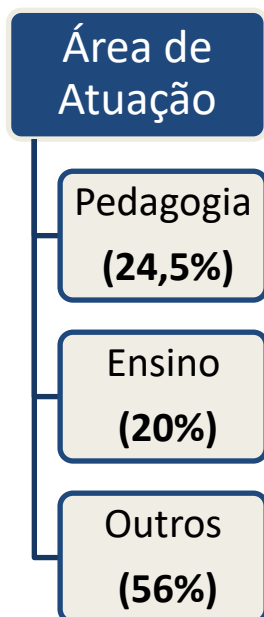
Dessa forma, a distribuição das orientações sexuais dos participantes revela não apenas uma predominância heterossexual, mas também um alto nível de não resposta, que pode estar associado a aspectos sociais e culturais.

Esses dados ressaltam a importância de estratégias que promovam um maior acolhimento e inclusão da diversidade sexual em pesquisas, garantindo que todos os participantes se sintam seguros para expressar sua identidade sem receios ou constrangimentos.

Além disso, reforça-se a necessidade de fomentar debates sobre sexualidade e identidade em diferentes contextos, a fim de combater estigmas e ampliar a visibilidade das múltiplas orientações sexuais existentes na sociedade.

No gráfico 05 é apresentado as áreas de atuação dos participantes da pesquisa:

Figura 5 - Gráfico quanto às áreas de atuação dos participantes



Fonte: autora via Google Forms (2025)

O gráfico revela que a maior parte dos respondentes pertence à categoria "Outros" (40,8%), seguida por profissionais da área de Pedagogia (24,5%). Já os que atuam especificamente na área de Ensino representam 16,3% da amostra, enquanto 18,4% dos participantes não especificaram sua área de atuação.

Do ponto de vista quantitativo, a predominância da categoria "Outros" sugere que uma parcela significativa dos respondentes não se enquadra nas áreas delimitadas pelo questionário. Esse dado pode indicar tanto uma diversidade de profissões que não foram consideradas nas opções predefinidas quanto a necessidade de uma categorização mais abrangente no instrumento de coleta de dados.

A representatividade expressiva da Pedagogia (24,5%) e do Ensino (16,3%) aponta para um público majoritariamente vinculado à educação, o que pode estar relacionado ao contexto da pesquisa. Já a proporção de 18,4% de não especificação pode demonstrar uma falta de clareza dos participantes em relação à classificação de sua área ou um possível desinteresse em fornecer essa informação.

A análise qualitativa dos dados permite levantar hipóteses sobre a composição da amostra e suas implicações para o estudo. A elevada presença de profissionais ligados à Pedagogia e ao Ensino sugere que a pesquisa pode ter sido aplicada em um ambiente acadêmico ou educacional, onde esses grupos têm maior representatividade.

Esse dado também pode indicar que a temática abordada na investigação desperta

maior interesse entre educadores e pedagogos, que veem relevância no debate proposto.

A categoria "Outros", por sua vez, levanta questões sobre a diversidade dos participantes e a possível necessidade de uma maior especificação das áreas de atuação para permitir uma análise mais precisa.

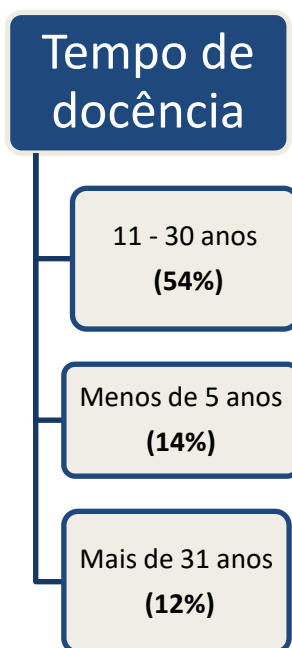
Se essa categoria engloba profissionais de diferentes setores, a interpretação dos resultados pode ser mais complexa, demandando um refinamento metodológico para futuras coletas de dados.

Além disso, o percentual de não especificação sugere que alguns participantes podem ter encontrado dificuldades em identificar sua área de atuação dentro das opções disponíveis ou optaram por não informar essa informação por razões diversas.

Dessa forma, a distribuição das áreas de atuação dos participantes demonstra a predominância de profissionais da educação, mas também destaca a necessidade de um aprofundamento sobre a diversidade de carreiras representadas na amostra. A presença significativa da categoria "Outros" aponta para a importância de metodologias mais detalhadas na categorização das áreas de atuação, permitindo uma compreensão mais ampla sobre os perfis profissionais envolvidos na pesquisa.

O gráfico 06 aponta a quanto tempo os participantes da pesquisa atuam na docência:

Figura 6 - Gráfico quanto ao tempo de docência dos participantes.



Fonte: autora via Google Forms (2025)

Os dados revelam uma distribuição relativamente equilibrada entre as diferentes faixas de tempo de experiência, com predominância de professores com 11 a 20 anos de docência (28,0%) e 21 a 30 anos (26,0%).

Os profissionais com 6 a 10 anos representam 20,0% da amostra, enquanto aqueles com menos de 5 anos de experiência constituem 14,0% do total. Já a menor parcela (12,0%) corresponde aos docentes com mais de 31 anos de atuação.

Do ponto de vista quantitativo, a maior concentração de participantes com experiência entre 11 e 30 anos sugere que a amostra é composta, em grande parte, por docentes que já possuem uma trajetória consolidada na área da educação.

O fato de esses dois grupos somarem 54,0% indica que mais da metade dos participantes está inserida na docência há um período significativo, o que pode implicar um alto nível de familiaridade com práticas pedagógicas e metodologias de ensino.

A participação de docentes iniciantes (0-5 anos) e veteranos (31+ anos) é consideravelmente menor, sugerindo que a pesquisa pode ter alcançado principalmente professores em estágios intermediários de carreira.

A análise qualitativa permite inferir que a predominância de docentes com experiência moderada a avançada pode estar relacionada ao perfil da pesquisa e ao seu alcance dentro do meio acadêmico ou escolar.

Professores com 11 a 30 anos de carreira podem estar em uma fase profissional de maior engajamento com formações continuadas, pesquisa educacional ou participação em iniciativas que demandam reflexão sobre a prática docente.

A menor participação de professores iniciantes pode estar relacionada a fatores como menor envolvimento com pesquisas acadêmicas ou menor acesso às redes de divulgação do estudo.

Por outro lado, a baixa presença de docentes com mais de 31 anos pode refletir um afastamento gradual desse grupo das discussões acadêmicas ou uma possível aposentadoria progressiva.

Dessa forma, a distribuição do tempo de docência dos participantes revela que a maioria dos respondentes têm experiência consolidada na área, com uma menor participação de docentes iniciantes ou veteranos.

Esses dados sugerem que estratégias específicas poderiam ser adotadas para alcançar educadores em início de carreira, incentivando sua participação e integração em estudos

acadêmicos.

Além disso, compreender os fatores que levam à menor presença de docentes com mais de 31 anos pode auxiliar no desenvolvimento de políticas de valorização e permanência desse grupo na docência ativa.

4.2 Análise geral do perfil dos participantes

A análise dos dados coletados por meio do *Google Forms* em 2025 permitiu traçar um perfil dos participantes da pesquisa, considerando variáveis como idade, formação acadêmica, identidade de gênero, orientação sexual, área de atuação e tempo de docência. Os resultados revelam uma predominância de adultos entre 40 e 50 anos (35,4%) e 30 e 40 anos (27,1%), apontando que a amostra é composta majoritariamente por indivíduos em fase produtiva e profissionalmente ativos.

A baixa participação de jovens entre 20 e 30 anos (8,3%) e de idosos com mais de 60 anos (4,2%) sugere que a pesquisa alcançou principalmente um público já consolidado no mercado de trabalho ou na academia.

Em relação à formação acadêmica, observou-se que a maioria dos participantes possui ensino superior (38,0%) ou pós-graduação (28,0%), enquanto apenas 4,0% têm título de mestrado.

A expressiva presença da categoria "outros" (30,0%) aponta para a diversidade de percursos formativos na amostra, sugerindo que a classificação das formações poderia ser ampliada para abranger melhor essa variação.

No que se refere à identidade de gênero, 56,0% dos respondentes se identificam como mulheres, 20,0% como homens e 24,0% optaram por não responder. Esse dado pode refletir tanto a predominância feminina em determinadas áreas quanto uma hesitação por parte dos participantes em se identificarem dentro das categorias oferecidas.

A distribuição da orientação sexual revelou que 68,0% dos participantes se identificam como heterossexuais, enquanto apenas 4,0% se declararam assexuais ou homossexuais.

O alto índice de não respondentes (28,0%) sugere que uma parcela significativa da amostra preferiu não divulgar essa informação, possivelmente por questões de privacidade ou receio de exposição.

Esse dado pode indicar a necessidade de estratégias que promovam um ambiente mais seguro e acolhedor para a participação de pessoas com diferentes orientações sexuais.

No que tange à área de atuação, a categoria "outros" apareceu novamente como a mais expressiva (40,8%), seguida por Pedagogia (24,5%) e Ensino (16,3%). A diversidade profissional demonstrada nos dados reforça a importância de ampliar as opções de categorização na coleta de informações.

O tempo de docência dos participantes mostrou uma concentração de professores com experiência entre 11 e 30 anos, representando 54,0% da amostra, enquanto docentes com menos de 5 anos (14,0%) e mais de 31 anos (12,0%) tiveram participação reduzida. Isso sugere que a pesquisa alcançou majoritariamente profissionais com experiência consolidada, enquanto os docentes iniciantes ou veteranos tiveram menor representatividade.

De maneira geral, os dados indicam que a amostra é composta predominantemente por adultos com trajetória profissional estabelecida, alta escolaridade e atuação na área educacional.

No entanto, a presença significativa de categorias genéricas como "outros" e o alto índice de não respondentes em algumas questões apontam para a necessidade de aperfeiçoamento na formulação dos instrumentos de coleta de dados.

Além disso, os resultados sugerem desafios relacionados à diversidade de gênero e orientação sexual, reforçando a importância de estratégias que garantam maior representatividade e segurança na participação de diferentes grupos.

A predominância de docentes com experiência intermediária também destaca a relevância de promover maior envolvimento de professores iniciantes e veteranos em estudos acadêmicos, possibilitando uma visão mais ampla sobre os diferentes estágios da carreira docente.

5. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

A seguir, é possível acompanhar a análise das sete respostas ao questionário aplicado na pesquisa sobre diversidade sexual e o estigma dos professores no ambiente escolar.

Quadro 01 - *Respostas para a pergunta: Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar?*

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
Aceitação pelo grupo	12	24	A aceitação do grupo pois ainda existe muito preconceito.
Bullying e desrespeito	10	20	Bullying e exclusão.
Preconceito no geral	7	14	Preconceito, violência de seus direitos, exclusão, etc.
Falta de apoio emocional/psicológico	3	6	Acredito que falta apoio emocional/psicológico, orientação individual e coletiva.
Aceitação e respeito	3	6	A aceitação e o respeito.
Autoaceitação	3	6	A sua própria autoaceitação!
Discriminação	3	6	Discriminação.
Desafios específicos (banheiro, piadinhas, etc.)	3	6	No fundamental I o desafio são as piadinhas dos colegas.
Falta de compreensão e empatia	2	4	Falta de compreensão e empatia.

Preconceito dos pais	2	4	Preconceito por parte dos pais no caso de professores. Pois a maioria dos pais acredita na influência dos professores na vida dos alunos.
Desafios variados e complexos	2	4	Os desafios são diversos, desde um professor sendo questionado em sua capacidade enquanto professor ou até mesmo se ele pode influenciar as crianças a serem homossexuais...
Agressões verbais e físicas	1	2	Em primeiro lugar acredito que seja a falta de acessibilidade a dificuldade de inclusão, agressões verbais e até físicas levando em consideração o bullying dia a dia.

Fonte: autora via Google Forms (2025)

Os relatos obtidos refletem os desafios enfrentados em contextos de discriminação e exclusão social, particularmente no que diz respeito à aceitação de grupos minoritários em ambientes educacionais.

A metodologia de análise de conteúdo permite a identificação de unidades temáticas recorrentes, possibilitando uma compreensão mais aprofundada das representações sociais presentes nas respostas.

A categoria com maior frequência na amostra foi a aceitação pelo grupo, com 24% das ocorrências, apontando que a integração social continua sendo um desafio significativo.

As respostas demonstram que, apesar dos avanços no debate sobre diversidade e inclusão, ainda há resistência e dificuldades na aceitação de indivíduos que não se encaixam nos padrões hegemônicos.

Essa categoria dialoga diretamente com a segunda mais mencionada, bullying e desrespeito (20%), que ilustra como a rejeição social frequentemente se manifesta por meio de práticas de violência simbólica e psicológica, como exclusão e hostilidade no ambiente escolar e acadêmico.

A categoria preconceito no geral (14%) complementa essas percepções, apontando que a discriminação não se restringe a um único aspecto, mas ocorre de maneira multifacetada, atingindo desde os direitos fundamentais dos indivíduos até sua participação social.

A falta de apoio institucional também se destaca como uma questão relevante, expressa na categoria falta de apoio emocional/psicológico (6%), que indica a carência de suporte especializado para lidar com as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos em questão.

A ausência desse suporte pode aprofundar quadros de sofrimento psíquico e dificuldades na construção da identidade, tornando o ambiente ainda mais hostil para aqueles que necessitam de acolhimento.

Duas outras categorias surgiram com a mesma frequência (6%): aceitação e respeito e autoaceitação. Esses elementos demonstram que, além da aceitação externa, há também desafios internos a serem superados, demonstrando que a discriminação não apenas impacta a forma como os indivíduos são tratados pelo grupo, mas também como se percebem e se posicionam no mundo.

Isso sugere que estratégias de acolhimento e educação inclusiva devem abordar tanto o respeito ao outro quanto o fortalecimento da autoestima dos sujeitos. Outras dificuldades relatadas foram discriminação (6%) e desafios específicos (6%), que apontam barreiras práticas vivenciadas no dia a dia, como acesso a banheiros e a persistência de microagressões em interações cotidianas, como piadas de colegas e tratamento desigual.

Tais elementos reforçam a ideia de que, além do preconceito institucionalizado, existem desafios comportamentais e estruturais que dificultam a plena inclusão. A falta de compreensão e empatia (4%) também aparece como um fator que contribui para a perpetuação desse cenário, indicando que a ausência de conhecimento e sensibilização sobre as vivências dessas minorias pode levar a atitudes excludentes e reforçar barreiras sociais. Outro aspecto relevante foi o preconceito dos pais (4%), o que demonstra que, em certos contextos, a resistência à diversidade não se limita aos alunos ou professores, mas também

envolve as famílias, que podem reproduzir discursos excludentes e dificultar iniciativas de inclusão dentro do ambiente escolar.

Além disso, os participantes relataram desafios variados e complexos (4%), como a deslegitimação da competência de determinados professores devido à sua identidade ou orientação sexual. Isso sugere que a discriminação pode extrapolar o ambiente escolar e atingir a dimensão profissional, impactando a credibilidade e a trajetória de carreira desses indivíduos.

Por fim, a categoria menos frequente, mas de grande impacto, foi agressões verbais e físicas (2%). Esse dado indica que, embora menos citadas, as violências explícitas ainda ocorrem, reforçando a necessidade de medidas eficazes de proteção e conscientização.

O fato de essa categoria apresentar uma ocorrência reduzida não significa que sua importância seja menor, mas sim que as formas mais veladas de preconceito e exclusão parecem ser mais recorrentes no cotidiano dos participantes.

A análise de conteúdo revela que as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos em ambientes educacionais e profissionais são multifacetadas, variando entre a rejeição social explícita e a discriminação estrutural e institucionalizada.

A predominância de categorias relacionadas à aceitação social e ao preconceito indica que as barreiras para a inclusão vão além da legislação e das políticas educacionais, sendo fortemente influenciadas por valores culturais e práticas sociais.

Assim, os dados apontam para a necessidade de ações que promovam uma mudança cultural dentro e fora do ambiente acadêmico, garantindo tanto a aceitação social quanto o suporte psicológico e institucional para aqueles que enfrentam discriminação e exclusão.

O preconceito no ambiente escolar é uma questão complexa que afeta diretamente o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais.

Entender como essas manifestações de preconceito se traduzem em desafios específicos para esses alunos é essencial para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Nesta análise, examinamos as respostas de professores a respeito dos principais impactos do preconceito na vida escolar de estudantes homossexuais, categorizando as ocorrências em temas como baixa autoestima, isolamento social, desmotivação, evasão escolar, problemas de saúde mental, desempenho acadêmico prejudicado, bullying e discriminação, e falta de concentração.

A partir dessa categorização, buscamos oferecer uma visão detalhada de como o preconceito compromete o desenvolvimento integral desses estudantes e identificar áreas críticas que demandam atenção urgente no contexto educacional.

Quadro 02 - Respostas para a pergunta: Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
Isolamento social e exclusão	10	20	Os estudantes acabam ficando mais quietos, se escondendo em seus sentimentos ou mascarando e o rendimento cai muito, não conseguem se concentrar, participar ativamente das atividades.
Baixa autoestima	8	16	Afeta em tudo, pois se a pessoa está vivendo em um lugar que não a aceitam como é, afeta sua autoestima e consequentemente seu aprendizado.
Dificuldade de concentração e aprendizado	7	14	Aumento de insegurança, que prejudica na forma de comunicação e socialização no ambiente escolar atrapalhando na aprendizagem.
Evasão escolar	5	10	A partir das experiências traumáticas,

			preconceito e exclusão, os estudantes acabam se escondendo, se retraindo, muitas das vezes escondendo sua personalidade, e isso acaba os levando ao abandono escolar.
Depressão e sofrimento emocional	6	12	Eles ficam nervosos, se fecham, não participam da aula e até desenvolvem quadros de depressão.
Pressão social e medo da rejeição	4	8	Os estudantes podem se sentir desestimulados pela aprendizagem por terem que frequentar um espaço que não preza pela aceitação das diversidades sexuais.
Indiferença e falta de impacto percebido	3	6	Sinceramente não vejo que afeta o desempenho, lógico que tem alguns que se vitimizam.

Fonte: autora via Google Forms (2025)

As respostas demonstram que os efeitos vão além da dimensão acadêmica, alcançando aspectos emocionais, sociais e psicológicos que interferem diretamente na aprendizagem e na permanência dos alunos no ambiente escolar.

A categoria mais recorrente foi isolamento social e exclusão, representando 20% das respostas. Esse dado indica que um dos principais efeitos da discriminação e da falta de aceitação é o afastamento dos estudantes das interações sociais e escolares.

O isolamento se manifesta por meio do retraimento, da perda de participação em atividades e do impacto negativo no rendimento acadêmico.

Esse fenômeno pode estar relacionado ao medo da exposição, à evitação de interações com colegas e professores e à necessidade de ocultar aspectos da própria identidade para evitar discriminação. Em segundo lugar, a baixa autoestima aparece em 16% das respostas, apontando que a rejeição e a falta de aceitação têm um impacto profundo na percepção dos estudantes sobre si mesmos.

A desvalorização da própria identidade influencia negativamente a motivação, a autoconfiança e a capacidade de enfrentar desafios escolares, criando um ciclo no qual a insegurança reforça a dificuldade de aprendizado e a aversão ao ambiente escolar.

Essa relação é demonstrada pela categoria dificuldade de concentração e aprendizado, mencionada em 14% das respostas, que indica que a instabilidade emocional e a insegurança afetam diretamente o foco e a assimilação de conteúdo.

Quando a escola se torna um espaço de tensão e medo, a capacidade de absorção do conhecimento é comprometida, uma vez que a aprendizagem requer um ambiente seguro e acolhedor.

A evasão escolar, presente em 10% das respostas, aparece como uma consequência grave do acúmulo dessas dificuldades. A exclusão, o preconceito e o sofrimento contínuo fazem com que muitos estudantes desistam do ambiente escolar, pois não encontram nele um espaço de pertencimento.

Essa evasão pode ter impactos significativos na trajetória acadêmica e profissional dos alunos, perpetuando desigualdades e limitando suas oportunidades futuras. A depressão e sofrimento emocional, categoria mencionada por 12% dos participantes, reforça essa problemática, indicando que a discriminação pode levar ao desenvolvimento de transtornos psicológicos.

O isolamento, a rejeição e o preconceito contribuem para quadros de ansiedade, tristeza profunda e até depressão, afetando diretamente o bem-estar dos estudantes e, consequentemente, seu desempenho acadêmico. A pressão social e o medo da rejeição, apontados por 8% dos participantes, destacam que a permanência na escola pode se tornar um fardo emocional para muitos alunos.

O receio de não serem aceitos e a necessidade de se adequar a padrões impostos pelo grupo fazem com que estudantes evitem a exposição, o que pode levar a um desinteresse gradual pelas atividades escolares e ao desestímulo pela aprendizagem.

Por fim, a indiferença e a falta de impacto percebido, mencionadas por 6% dos

participantes, revelam que algumas pessoas acreditam que a discriminação e a exclusão não afetam o desempenho acadêmico de maneira significativa.

No entanto, essa percepção pode estar associada a uma naturalização das dificuldades enfrentadas pelos estudantes ou a uma desconsideração das experiências individuais, minimizando o sofrimento e os desafios relatados.

A análise das respostas demonstra que os impactos da exclusão e discriminação ultrapassam a esfera acadêmica, afetando diretamente o bem-estar emocional, a motivação e a permanência dos estudantes no ambiente escolar.

O isolamento social, a baixa autoestima e a dificuldade de concentração formam um ciclo de desmotivação e evasão, que pode comprometer não apenas a aprendizagem imediata, mas também a trajetória de vida desses alunos.

Os dados ressaltam a importância de políticas educacionais inclusivas, que promovam ambientes acolhedores e respeitosos, garantindo que todos os estudantes tenham condições equitativas de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

A prevalência de categorias relacionadas ao sofrimento emocional indica que é essencial reforçar o apoio psicológico nas escolas, criando espaços de escuta e acolhimento para aqueles que enfrentam dificuldades decorrentes da discriminação e da exclusão.

O Quadro 03 aborda a questão de como as unidades escolares podem combater os estigmas relacionados à homossexualidade. À medida que as escolas se esforçam para criar ambientes inclusivos e respeitosos para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual, torna-se essencial identificar e implementar estratégias eficazes para enfrentar e desconstruir preconceitos profundamente enraizados.

Este questionamento busca explorar as abordagens que podem ser adotadas pelas instituições de ensino para promover a aceitação, o respeito e a valorização da diversidade sexual, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma cultura escolar mais justa e acolhedora.

Quadro 03 - *Respostas para a pergunta: Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?*

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
------------------	---------------------------	----------------	---------------------

Palestras e debates educativos	12	24	Palestras sobre respeito e igualdade, dinâmicas sobre o tema e filmes.
Diálogo aberto e contínuo	10	20	Muito diálogo, sem restrições. Com muita naturalidade.
Projetos pedagógicos sobre diversidade	8	16	Projetos de convivência e bullying, ações voltadas para a diversidade.
Formação de professores e funcionários	6	12	Formação para a equipe escolar como um todo, incluindo funcionários.
Parcerias com instituições especializadas	4	8	Parcerias com equipamentos da prefeitura como o CRAS.
Envolvimento da família e comunidade	5	10	Conscientizar os pais e responsáveis sobre a importância da inclusão.
Criação de redes de apoio psicossocial	3	6	Ter uma rede de apoio com psicólogos e orientadores.
Desenvolvimento de material didático inclusivo	2	4	Material didático que apresente a diversidade de forma natural.
Não há necessidade de abordar o tema	2	4	A homossexualidade não deve ser enfatizada, deve ser tratada como normal.

Fonte: autora via Google Forms (2025)

As respostas demonstram uma forte preocupação com a necessidade de iniciativas educativas, formativas e estruturais que favoreçam um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos os estudantes.

A categoria mais citada foi palestras e debates educativos, representando 24% das ocorrências, indicando que a sensibilização e o esclarecimento são vistos como estratégias essenciais para combater preconceitos.

A realização de palestras, exibição de filmes e atividades dinâmicas sobre respeito e igualdade são apontadas como formas eficazes de incentivar o pensamento crítico e promover a diversidade no ambiente escolar.

Essa abordagem reflete a importância da educação como ferramenta de transformação social, permitindo que alunos e professores compreendam a relevância do tema e suas implicações no cotidiano escolar.

O diálogo aberto e contínuo, mencionado em 20% das respostas, reforça a necessidade de uma abordagem natural e sem restrições sobre diversidade, identidade de gênero e orientação sexual.

A sugestão de tratar o tema com normalidade demonstra a importância de criar espaços de conversa acessíveis, nos quais os estudantes possam expressar suas dúvidas e experiências sem medo de julgamento ou repressão.

Esse dado sugere que a simples inclusão do tema em discussões frequentes pode contribuir significativamente para a desconstrução de preconceitos e o fortalecimento de relações interpessoais mais saudáveis.

A implementação de projetos pedagógicos sobre diversidade, mencionada por 16% dos participantes, também foi uma estratégia amplamente defendida. A sugestão de ações voltadas para a convivência e o combate ao bullying demonstra uma preocupação em integrar práticas inclusivas dentro do currículo escolar, garantindo que a diversidade seja tratada de forma contínua e estruturada.

Essa categoria reforça a ideia de que iniciativas pontuais podem ser insuficientes e que o tema deve ser abordado de forma transversal no ensino, garantindo que a inclusão seja um princípio presente no cotidiano escolar.

A formação de professores e funcionários, presente em 12% das respostas, aponta para a necessidade de capacitação contínua dos profissionais da educação. A inclusão não se limita à sensibilização dos alunos, mas também exige que educadores e demais funcionários da escola sejam preparados para lidar com a diversidade de forma respeitosa e eficaz.

Isso indica que a ausência de preparo pode ser um fator que dificulta a implementação de práticas inclusivas, tornando essencial o investimento em treinamentos e formações específicas sobre o tema.

Outro ponto relevante é a parceria com instituições especializadas, citada em 8% das respostas.

A sugestão de colaboração com equipamentos municipais, como o CRAS, demonstra

que a escola não deve atuar isoladamente, mas sim buscar apoio de redes externas que possam contribuir com conhecimento técnico, suporte psicológico e social.

Esse dado reforça a importância de um trabalho interinstitucional para garantir uma abordagem mais ampla e eficaz na promoção da diversidade.

O envolvimento da família e comunidade, mencionado em 10% das respostas, também aparece como um elemento essencial para a inclusão. A conscientização de pais e responsáveis sobre a importância da diversidade na educação é vista como uma estratégia para ampliar o impacto das ações escolares e evitar que discursos excludentes se perpetuem no ambiente familiar.

Essa categoria sugere que, sem a participação da família, a aceitação e a inclusão podem enfrentar resistências que dificultam a implementação de uma cultura escolar mais respeitosa e acolhedora.

A criação de redes de apoio psicossocial, apontada por 6% dos respondentes, demonstra a necessidade de suporte emocional para estudantes que enfrentam discriminação e dificuldades relacionadas à sua identidade.

A presença de psicólogos e orientadores dentro da escola pode oferecer um espaço de acolhimento e fortalecer a autoestima e o bem-estar dos alunos. Esse dado reforça que, além da conscientização coletiva, é fundamental oferecer apoio individualizado para aqueles que necessitam de acompanhamento especializado.

O desenvolvimento de material didático inclusivo, mencionado por 4% dos participantes, aponta para a importância da representatividade dentro dos conteúdos escolares.

A sugestão de incluir a diversidade nos materiais pedagógicos de forma natural reflete a necessidade de evitar abordagens pontuais ou artificiais sobre o tema. Esse dado sugere que a inserção de personagens e narrativas diversas no material didático pode contribuir para a normalização da diversidade dentro do ambiente escolar.

Por fim, a categoria não há necessidade de abordar o tema, também representando 4% das respostas, sugere que algumas pessoas acreditam que a diversidade sexual não deve ser tratada como um tema específico, mas sim como algo natural dentro da sociedade.

Embora essa perspectiva possa parecer progressista em um primeiro momento, há o risco de que a ausência de discussões específicas contribua para a invisibilização das questões enfrentadas por grupos historicamente marginalizados.

A análise das respostas demonstra um consenso sobre a necessidade de ações educativas e estruturais para promover a diversidade e a inclusão na escola. A predominância

de categorias que enfatizam o diálogo, a capacitação de professores e a criação de projetos pedagógicos reforça a ideia de que a escola deve ser um espaço de transformação social, onde a aceitação e o respeito sejam promovidos de maneira contínua.

Além disso, a importância do envolvimento da família e de parcerias externas sugere que a inclusão deve ser trabalhada de maneira integrada, unindo diferentes atores para garantir um ambiente escolar mais acolhedor e equitativo. Dessa forma, os dados apontam para a necessidade de um compromisso coletivo na construção de uma escola mais plural, respeitosa e preparada para lidar com a diversidade em todas as suas formas.

A criação de um ambiente escolar inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais é um desafio complexo que envolve não apenas a adaptação das práticas pedagógicas, mas também a transformação cultural da comunidade escolar. A pergunta abordada busca explorar as barreiras institucionais, sociais e culturais que dificultam a promoção de um espaço verdadeiramente acolhedor para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual. Identificar e compreender esses desafios é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes que visem a construção de um ambiente onde a diversidade seja respeitada e valorizada.

Quadro 04 - Respostas à pergunta: Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
Preconceito da comunidade escolar e sociedade	12	24	O preconceito da comunidade em geral, tudo que se fala é distorcido e leva para uma conotação sexual.
Resistência de pais e responsáveis	10	20	O maior desafio, sem dúvidas, é com relação aos pais. Sempre que um assunto sobre sexualidade, identidade de gênero ou orientação sexual é inserido nas aulas, nos deparamos com diversos pais reclamando.
Falta de formação para professores	8	16	O engajamento de toda a equipe para discutir o problema, a falta de formação para os profissionais da escola.
Influência religiosa e conservadorismo	6	12	A religião tem muito a ver com o preconceito, e geralmente as pessoas mais velhas têm mais dificuldade em lidar com o assunto.
Falta de apoio institucional e políticas públicas	5	10	As políticas públicas que ainda barram uma educação sexual mais efetiva.
Falta de tempo e sobrecarga curricular	4	8	Falta de tempo para refletir sobre temas assim tão relevantes. Pois são muitas cobranças sobre conteúdos e disciplinas que os profissionais da educação ficam sobrecarregados.
Dificuldade no diálogo sobre o tema	5	10	Talvez, a falta de conhecimento em discutir e refletir sobre o assunto sem tabus e preconceitos.

Ausência de materiais e Projetos pedagógicos inclusivos	3	6	A escola, por mais que tente, ainda encontra dificuldades em tratar desse assunto, pois há pessoas na escola que não conseguem falar sobre isso.
---	---	---	--

Fonte: autora via Google Forms (2025)

As respostas demonstram que as barreiras para a implementação de uma educação mais inclusiva vão além do contexto escolar, refletindo influências sociais, culturais, institucionais e políticas que impactam diretamente o debate sobre identidade de gênero e sexualidade nas escolas.

A categoria mais frequente foi preconceito da comunidade escolar e sociedade, representando 24% das respostas. Esse dado indica que um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores é a resistência social à discussão sobre diversidade, muitas vezes marcada pela desinformação e pela distorção de conteúdo.

A resposta exemplificada menciona que qualquer discussão sobre o tema tende a ser interpretada de maneira equivocada, com uma conotação sexualizada, o que demonstra a necessidade de estratégias eficazes para desmistificar essas questões e apresentar a diversidade de forma pedagógica e respeitosa. Em seguida, a resistência de pais e responsáveis aparece em 20% das respostas, apontando que a oposição das famílias é um dos maiores obstáculos para a abordagem da diversidade no ambiente escolar.

Os relatos indicam que sempre que temas relacionados à sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual são discutidos em sala de aula, há reações negativas por parte dos pais, que frequentemente apresentam queixas e tentam restringir esse tipo de debate. Esse dado sugere que, além da resistência social geral, a esfera familiar também exerce influência direta sobre as limitações impostas à educação inclusiva.

A falta de formação para professores, mencionada por 16% dos participantes, revela um problema estrutural dentro do sistema educacional.

A ausência de capacitação específica sobre diversidade e inclusão impede que os docentes se sintam preparados para abordar esses temas de maneira segura e embasada, o que pode contribuir para insegurança e até mesmo omissão diante de situações de preconceito e exclusão. Esse fator demonstra que, para que haja avanços significativos, é essencial investir na formação continuada de professores e funcionários da escola.

A influência religiosa e o conservadorismo, apontados por 12% dos participantes, reforçam que as dificuldades para implementar uma educação mais inclusiva também estão associadas a valores culturais e religiosos arraigados na sociedade.

A resposta exemplificada menciona que as pessoas mais velhas tendem a ter maior dificuldade em lidar com o tema, o que sugere que as resistências podem estar relacionadas a aspectos geracionais e à reprodução de discursos conservadores que historicamente influenciam a educação no Brasil.

A falta de apoio institucional e políticas públicas, citada em 10% das respostas, demonstra que as dificuldades para a inclusão vão além das barreiras individuais ou escolares.

A ausência de políticas públicas efetivas que garantam a implementação da educação sexual e do debate sobre diversidade nas escolas limita as possibilidades de atuação dos educadores e restringe o impacto das ações que poderiam ser desenvolvidas.

Esse dado sugere que a resistência social não se restringe ao âmbito familiar ou comunitário, mas também se manifesta em decisões políticas que dificultam avanços na área.

A dificuldade no diálogo sobre o tema, também com 10% das respostas, aponta que um dos desafios para a inclusão é a falta de conhecimento sobre como abordar a diversidade sem reforçar tabus e preconceitos.

A insegurança dos profissionais em tratar do assunto de forma adequada demonstra a necessidade de estratégias que facilitem essa discussão, incluindo metodologias pedagógicas, materiais didáticos inclusivos e formação contínua para os educadores.

A falta de tempo e sobrecarga curricular, mencionada por 8% dos participantes, destaca um obstáculo prático para a abordagem da diversidade no ambiente escolar.

A resposta exemplificada aponta que a quantidade de conteúdos exigidos e a pressão por resultados acadêmicos deixam pouco espaço para reflexões sobre temas socioemocionais e inclusivos. Esse dado sugere que, além de questões ideológicas e institucionais, há desafios relacionados à organização curricular que impactam a inclusão efetiva dessas temáticas no planejamento pedagógico.

Por fim, a ausência de materiais e projetos pedagógicos inclusivos, citada em 6% das respostas, reforça que, mesmo quando há interesse por parte da escola em abordar o tema, a falta de suporte e recursos adequados pode dificultar sua implementação.

A resposta exemplificada menciona que muitas pessoas dentro da escola ainda não conseguem falar sobre o assunto, o que reforça a importância de investimentos em formação, desenvolvimento de materiais didáticos e estratégias institucionais que auxiliem no enfrentamento do preconceito.

A análise dos dados demonstra que os desafios para a promoção da diversidade e da

inclusão nas escolas são múltiplos e interconectados.

A resistência da comunidade escolar, a influência de valores conservadores, a falta de capacitação dos professores e a ausência de políticas públicas efetivas se combinam para dificultar o avanço da educação inclusiva.

Além disso, fatores como sobrecarga curricular e falta de materiais adequados também impactam a viabilidade da implementação dessas discussões no cotidiano escolar.

Esses dados indicam que, para superar essas barreiras, é essencial que haja um esforço conjunto entre educadores, gestores, famílias e formuladores de políticas públicas, garantindo que a escola se torne um espaço verdadeiramente acolhedor e representativo para todos os estudantes.

Quadro 05 - Respostas à pergunta: *Você acredita que a inclusão de conteúdos relacionados a diversidade sexual no currículo escolar poderia ajudar a combater o preconceito? Como você abordaria esses temas em sua disciplina/aula?*

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
Apoio total à inclusão no currículo escolar	14	28	A inclusão é fundamental, pois esclarece e combate o preconceito.
Incluir dentro de temas gerais (sem ênfase exclusiva)	8	16	Acredito que sim, mas integrado a um tema geral, como diversidade cultural.
Realizar rodas de conversa e dinâmicas	9	18	Sim, rodas de conversa e dinâmicas ajudam no diálogo aberto e compreensão.
Capacitação docente para abordar o tema	7	14	Sim, mas os professores precisam ser capacitados para abordar adequadamente.
Inserir conteúdos em disciplinas específicas	6	12	Pode ser abordado na disciplina de ciências, dentro dos temas de corpo e saúde.
Trabalhar o tema por meio de projetos e debates	5	10	Já trabalho o tema por meio de projetos interdisciplinares.
Resistência à inclusão do tema na escola	6	12	Não vejo necessidade, o tema pode gerar mais resistência e conflito.

O tema deve ser tratado apenas pelas famílias	5	10	A escola não deveria abordar, pois isso deve ser ensinado pela família.
---	---	----	---

Fonte: autora via Google Forms (2025)

As respostas indicam que, apesar de uma predominância favorável à abordagem do tema na educação formal, há divergências quanto à forma e intensidade dessa inserção, bem como resistência por parte de alguns participantes. A categoria mais frequente foi apoio total à inclusão no currículo escolar, representando 28% das respostas. Esse dado indica que há um consenso significativo sobre a importância da discussão do tema como ferramenta essencial para o combate ao preconceito e a promoção da inclusão.

Os participantes que se posicionaram favoravelmente à abordagem do tema no currículo acreditam que a escola tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e que a falta de informação contribui para a perpetuação de estereótipos e discriminações.

A realização de rodas de conversa e dinâmicas, mencionada por 18% dos participantes, destaca que a estratégia preferida para tratar do tema envolve metodologias participativas e dialógicas.

Essa abordagem é vista como uma forma eficaz de envolver os estudantes em reflexões sem imposição de ideias, permitindo um aprendizado baseado no respeito e na troca de experiências. Esse dado sugere que as práticas pedagógicas ativas podem ser um caminho viável para tratar da diversidade de forma mais integrada ao cotidiano escolar.

A inclusão do tema dentro de abordagens gerais, sem uma ênfase exclusiva, aparece em 16% das respostas, indicando que uma parte dos participantes acredita que a diversidade deve ser discutida, mas inserida dentro de um contexto mais amplo, como diversidade cultural, direitos humanos ou ética.

Essa perspectiva sugere que há uma preocupação em evitar que o tema seja tratado de forma isolada ou desconectada de outras questões sociais relevantes.

A capacitação docente para abordar o tema, apontada por 14% dos respondentes, demonstra que muitos reconhecem a importância da discussão, mas ressaltam que os professores precisam estar preparados para tratar a diversidade de maneira adequada e respeitosa.

Esse dado reforça a necessidade de formação contínua para os educadores, garantindo que possuam embasamento teórico e metodológico para lidar com possíveis

resistências dentro e fora da escola.

A inserção do tema em disciplinas específicas, mencionada por 12% dos participantes, sugere que a abordagem sobre identidade de gênero e diversidade pode ser integrada a conteúdos curriculares já existentes, como Ciências, dentro dos temas de corpo e saúde.

Esse dado demonstra que há uma tendência a considerar que a inclusão do tema no currículo deve ocorrer de forma orgânica, aproveitando as disciplinas que já tratam de questões relacionadas.

A resistência à inclusão do tema na escola, também com 12% das respostas, mostra que uma parcela dos participantes acredita que a abordagem do tema pode gerar conflitos e não considera sua inclusão necessária.

Esse dado reflete a polarização existente no debate sobre diversidade na educação e aponta para a importância de estratégias que minimizem resistências e demonstrem os benefícios dessa discussão para toda a comunidade escolar.

A categoria trabalha o tema por meio de projetos e debates, com 10% das respostas, reforça que há um reconhecimento da importância da abordagem do tema, mas sugere que ele seja discutido de maneira interdisciplinar, sem uma disciplina específica. Esse dado indica uma valorização de abordagens mais flexíveis e adaptáveis à realidade de cada instituição de ensino.

Por fim, o tema deve ser tratado apenas pelas famílias, também com 10% das respostas, reflete uma visão conservadora que defende que a educação sobre diversidade e identidade de gênero deve ser exclusiva do ambiente familiar. Essa perspectiva ignora o fato de que a escola é um espaço de formação cidadã e de socialização, onde os estudantes convivem com a diversidade diariamente. Esse dado sugere que uma das barreiras para a inclusão do tema no currículo escolar é a crença de que a escola estaria interferindo na educação moral e religiosa das famílias.

A análise dos dados demonstra que a maioria dos participantes reconhece a importância de abordar a diversidade no ambiente escolar, mas há divergências quanto à forma de implementação.

Enquanto uma parcela significativa defende a inclusão direta no currículo, outros preferem que o tema seja tratado de maneira transversal, por meio de projetos e debates ou inserido dentro de conteúdos mais amplos.

No entanto, a presença de resistência e da crença de que o tema deveria ser tratado exclusivamente pela família indica que ainda há desafios a serem superados, especialmente

no que diz respeito ao diálogo com pais e responsáveis.

Esses dados reforçam a necessidade de estratégias pedagógicas que tornem o tema mais acessível e aceito pela comunidade escolar, além do investimento na formação docente para garantir que a abordagem seja feita de maneira adequada e fundamentada.

Quadro 06- *Respostas à pergunta: Quais são os impactos contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares?*

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
Isolamento e exclusão social	10	20	Eles crescem isolados, excluídos. Sentindo-se sozinhos, sem ter a quem recorrer.
Baixa autoestima e impacto emocional	9	18	O preconceito faz com que essa pessoa muitas vezes se isole, fuja das interações sociais, se sinta confuso e desenvolva problemas emocionais.
Desmotivação e queda no rendimento	8	16	O rendimento cai por conta da visão que os demais discentes têm sobre as pessoas homossexuais.
Evasão escolar	7	14	O maior impacto é a evasão escolar.
Medo de participar e vergonha	6	12	O silêncio, sinto que eles preferem se calar em diversas atividades escolares (debates).
Falta de acolhimento institucional	5	10	Na minha escola não conseguimos abordar esse assunto abertamente. Minha escola é cívico-militar.
Indiferença ou negação do problema	6	12	Não temos esse problema/Nenhum impacto.

Fonte: autora via Google Forms (2025)

Com base nas respostas obtidas, torna-se possível compreender como as práticas excludentes, muitas vezes naturalizadas no cotidiano escolar, afetam de maneira profunda e persistente a vivência de estudantes LGBTQIAPN+. Os dados revelam não apenas episódios pontuais de discriminação, mas sim uma estrutura de exclusão que compromete o processo educativo, o bem-estar emocional e a permanência desses sujeitos no ambiente escolar.

A categoria mais mencionada pelos docentes foi o isolamento e a exclusão social, presente em 20% das respostas. Esse afastamento, frequentemente silencioso, manifesta-se em práticas sutis de rejeição, ausência de escuta e invisibilização das identidades sexuais dissidentes. Como destaca Guacira Lopes Louro (2000), a escola é um dos principais espaços de regulação das normas de gênero e sexualidade, sendo, portanto, também um dos lugares onde se impõe, de maneira mais contundente, a norma heterossexual como padrão. Ao não se encaixarem nesse modelo, estudantes homossexuais são frequentemente empurrados à margem da convivência escolar, experimentando o não pertencimento e a solidão como constantes de sua trajetória.

A baixa autoestima e os impactos emocionais, mencionados por 18% dos participantes, reforçam o quanto a experiência escolar pode tornar-se um agente adoecedor quando atravessada pelo preconceito. Estudantes homossexuais, desde cedo, são expostos a discursos que os inferiorizam, ridicularizam ou silenciam. Judith Butler (2003) argumenta que os corpos dissidentes são constantemente regulados por normas que delimitam o que é considerado legítimo ou inteligível. Quando essas normas são violadas — como no caso de um estudante que foge à expectativa de gênero e sexualidade — a resposta institucional tende a ser o silenciamento ou a punição simbólica, o que compromete sua constituição subjetiva e seu equilíbrio emocional.

Outro impacto relevante é a desmotivação e a queda no rendimento escolar, relatada por 16% dos docentes. A ausência de segurança emocional no espaço educativo compromete diretamente o processo de ensino-aprendizagem. A hostilidade no ambiente escolar, portanto, não apenas os afasta do saber formal, mas os impede de se expressar, de participar e de construir vínculos afetivos e acadêmicos.

A evasão escolar, citada por 14% dos professores, é o desdobramento extremo desse processo de exclusão. Para muitos estudantes homossexuais, a escola representa um espaço de ameaça contínua à sua integridade física e emocional, o que os leva a abandoná-la precocemente. É válido ressaltar que essa evasão não deve ser considerada como uma escolha voluntária, mas sim como resultado de um sistema que se organiza para excluir aquilo que desafia suas normas hegemônicas. A ausência de políticas públicas inclusivas, a falta de formação docente e a negação institucional da diversidade sexual contribuem diretamente para esse fenômeno.

Além disso, a categoria “medo de participar e vergonha”, identificada em 12% das respostas, revela um processo de autocensura por parte dos estudantes LGBTQIAPN+. Muitos deles evitam se expor em atividades escolares por receio de julgamento, zombarias ou represálias. Esse silenciamento vem cercado por uma cultura escolar heteronormativa, que deslegitima toda expressão de sexualidade que foge da norma social estabelecida em relação a orientação sexual e identidade de gênero. A vergonha, nesse caso, não é uma característica

pessoal, mas um sentimento socialmente construído e induzido por um ambiente que não reconhece a legitimidade da diferença.

A falta de acolhimento institucional, presente em 10% das falas, também revela uma omissão significativa por parte das escolas. Muitas instituições resistem em discutir sexualidade e identidade de gênero, ou o fazem de forma superficial, descontextualizada e sem diálogo com a realidade dos estudantes. Essa lacuna pedagógica contribui para o agravamento das situações de preconceito e para o sentimento de desamparo por parte dos alunos.

É igualmente preocupante o fato de que 12% dos docentes negam a existência do problema, alegando que “não há impactos” relacionados à homossexualidade na escola. Tal postura evidencia o quanto a homofobia escolar é naturalizada e invisibilizada. A negação do preconceito é uma das formas mais sutis e perigosas de perpetuação da violência simbólica.

Diante desse cenário, torna-se evidente que os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais ultrapassam o campo do individual, refletindo estruturas históricas, culturais e institucionais que operam a marginalização desses sujeitos. A escola, enquanto espaço de formação humana e social, precisa se responsabilizar pelo enfrentamento da homofobia e pela promoção de uma cultura de respeito à diversidade. Isso exige políticas educacionais comprometidas com os direitos humanos, formação continuada dos profissionais da educação e um currículo que contemple, de forma crítica e sensível, as questões de gênero e sexualidade.

Em síntese, os dados analisados reforçam a urgência de transformar o ambiente escolar em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde todos os sujeitos possam exercer plenamente sua cidadania, expressar suas identidades e construir trajetórias educativas significativas.

Quadro 07- *Respostas a pergunta: Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais?*

Tipo de Resposta	Quantidade de Ocorrências	Percentual (%)	Exemplo de Resposta
Falta de apoio da gestão escolar	8	16	Muitas vezes por falta de apoio da gestão escolar ficamos inseguros na forma de agir.
Aceitação e respeito às diferenças	10	20	Fazer as crianças entenderem que todos somos iguais, porém cada um é livre para ser como quiser.
Influência da sociedade e redes sociais	6	12	Vivemos em um mundo intolerante, onde as redes sociais dão poder para as pessoas dizerem o que querem.
Resistência ao tema por setores conservadores	7	14	O avanço do conservadorismo e fundamentalismo religioso são

			desafios que influenciam a legislação e as escolas.
Falta de capacitação dos professores	9	18	Primeiramente os professores deveriam ser capacitados. Pois não temos nada que nos auxilie.
Preconceito e discriminação explícita	8	16	O preconceito dentro da unidade escolar!!
Falta de políticas institucionais	5	10	Regimento escolar e material que seguimos não abordam suficientemente o tema.
Dificuldade em conscientizar os agressores	7	14	O maior desafio é conscientizar o agressor de que o preconceito é errado.
Resistência da família dos estudantes	6	12	A aceitação da família e a compreensão de que algumas 'brincadeiras' precisam parar de acontecer.
Minimização ou negação do problema	4	8	Não temos esse problema / Nenhum impacto.

Fonte: autora via Google Forms (2025)

As respostas refletem dificuldades estruturais, sociais e institucionais que impactam diretamente a implementação de ações voltadas para o respeito às diferenças e a redução da discriminação.

A categoria mais frequente foi aceitação e respeito às diferenças, representando 20% das respostas.

Esse dado indica que há um reconhecimento da necessidade de promover o respeito e a compreensão da diversidade desde a infância, reforçando que o ambiente escolar deve ser um espaço de aprendizado sobre equidade e direitos humanos.

A resposta exemplificada destaca a importância de ensinar às crianças que todos são iguais em dignidade e direitos, mas que cada indivíduo deve ter liberdade para expressar sua identidade sem sofrer discriminação.

A falta de capacitação dos professores, mencionada em 18% das respostas, revela um problema estrutural dentro do sistema educacional.

A ausência de formações específicas sobre diversidade impede que os docentes se sintam preparados para abordar o tema com segurança, o que pode levar à omissão diante de situações de preconceito dentro das escolas.

Esse dado sugere que a implementação de programas de formação continuada para os educadores é essencial para garantir que o tema seja tratado de maneira adequada e fundamentada.

A falta de apoio da gestão escolar, apontada por 16% dos participantes, demonstra que a resistência à inclusão da diversidade no ambiente escolar não está restrita aos professores e alunos, mas muitas vezes parte das próprias lideranças institucionais.

A insegurança dos docentes em agir frente a situações de discriminação pode estar diretamente relacionada à ausência de respaldo da administração escolar, o que reforça a necessidade de um compromisso institucional claro com a promoção da diversidade.

A preconceito e discriminação explícita, também representando 16% das respostas, demonstra que a discriminação dentro das unidades escolares ainda é uma realidade, dificultando a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo.

A resposta exemplificada sugere que o preconceito se manifesta de maneira aberta dentro da escola, indicando que a falta de medidas eficazes de combate à discriminação pode contribuir para a normalização de práticas excludentes.

A resistência ao tema por setores conservadores, mencionada por 14% dos participantes, indica que a ascensão de discursos conservadores e fundamentalistas têm influenciado a legislação e a forma como as escolas abordam temas relacionados à diversidade.

Esse dado sugere que, além dos desafios internos às escolas, há um contexto político e social que impacta diretamente a implementação de políticas inclusivas, reforçando a necessidade de estratégias para enfrentar essa resistência.

A dificuldade em conscientizar os agressores, também representando 14% das respostas, aponta para um obstáculo significativo na luta contra a discriminação. A resistência de estudantes que praticam atos preconceituosos e a dificuldade de fazê-los compreender o impacto negativo de suas ações demonstram a necessidade de estratégias pedagógicas voltadas para a conscientização e reeducação desses indivíduos, evitando a perpetuação de comportamentos discriminatórios.

A influência da sociedade e redes sociais, citada em 12% das respostas, revela que o ambiente escolar não é um espaço isolado, mas reflete dinâmicas sociais mais amplas.

A resposta exemplificada menciona que as redes sociais têm potencializado discursos de intolerância, demonstrando que a formação de crianças e adolescentes sobre diversidade precisa considerar o impacto das mídias digitais e buscar estratégias para desenvolver o pensamento crítico diante de discursos de ódio e desinformação.

A resistência da família dos estudantes, também com 12% das respostas, reforça um padrão já identificado em outras análises, no qual os pais representam um dos principais entraves para a abordagem da diversidade na escola. A minimização de práticas

discriminatórias como "brincadeiras" mostra que, muitas vezes, a própria família relativiza atitudes preconceituosas, dificultando o trabalho pedagógico de conscientização.

Esse dado sugere que estratégias de diálogo com as famílias podem ser necessárias para ampliar a compreensão sobre o impacto negativo de discursos e ações discriminatórias no ambiente escolar.

A falta de políticas institucionais, mencionada por 10% dos participantes, destaca que a ausência de diretrizes específicas nos regimentos escolares e materiais pedagógicos contribui para a falta de ações concretas sobre diversidade e inclusão.

Esse dado indica que, para que a diversidade seja efetivamente promovida na escola, é necessário que as instituições educacionais tenham diretrizes e materiais de apoio que orientem professores e gestores sobre como lidar com a questão.

Por fim, a minimização ou negação do problema, representando 8% das respostas, demonstra que há uma parcela de participantes que acredita que a discriminação e a exclusão não são questões relevantes dentro do ambiente escolar. A resposta exemplificada indica que algumas pessoas simplesmente não reconhecem a existência do problema, o que pode ser um reflexo da falta de percepção sobre as dificuldades enfrentadas por grupos minoritários ou da negação intencional do impacto da discriminação no cotidiano dos estudantes.

A análise dos dados demonstra que os desafios para a promoção da diversidade nas escolas são diversos e interconectados, envolvendo desde resistências individuais e familiares até limitações institucionais e influência de discursos conservadores na sociedade.

A falta de capacitação docente, o preconceito explícito e a ausência de apoio da gestão escolar são fatores que dificultam a implementação de práticas mais inclusivas, enquanto a resistência ao tema por setores conservadores e a influência negativa das redes sociais ampliam as dificuldades enfrentadas pelas escolas.

Esses dados reforçam a necessidade de um compromisso coletivo entre educadores, gestores, famílias e formuladores de políticas públicas para garantir que a escola se torne um espaço seguro e acolhedor para todos os estudantes.

6. ANÁLISE GERAL DAS RESPOSTAS

A análise das respostas obtidas demonstra um panorama complexo sobre os desafios e percepções em relação à diversidade, inclusão e preconceito no ambiente escolar. Os dados revelam que, apesar do reconhecimento da importância da abordagem do tema na educação, há barreiras significativas que dificultam sua implementação efetiva.

Entre os principais desafios identificados, destacam-se a resistência da comunidade escolar e das famílias, a falta de capacitação docente, a discriminação explícita dentro das escolas, a ausência de políticas institucionais e a influência de discursos conservadores e fundamentalistas.

A resistência ao tema por parte de pais e responsáveis foi um dos obstáculos mais citados, indicando que a oposição familiar ainda representa um entrave significativo para a inclusão da diversidade no currículo escolar.

Muitas respostas sugerem que, sempre que questões de identidade de gênero e orientação sexual são abordadas em sala de aula, há reações negativas por parte das famílias, reforçando um ambiente de censura e limitações ao trabalho pedagógico. Esse cenário também se reflete no preconceito explícito dentro das unidades escolares, que afeta diretamente o desempenho e a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade, levando a problemas como isolamento social, baixa autoestima e até evasão escolar.

Outro ponto crucial levantado nas respostas é a falta de capacitação dos professores. Muitos educadores relataram sentir-se despreparados para lidar com o tema, seja por ausência de formação específica ou por medo da reação da comunidade escolar.

A insegurança docente se agrava diante da falta de apoio da gestão escolar, outro fator apontado como um entrave para o enfrentamento do preconceito no ambiente educacional. A ausência de respaldo institucional e diretrizes sobre como abordar a diversidade resulta em posturas evasivas e omissões diante de situações de discriminação.

A influência das redes sociais e do conservadorismo crescente na sociedade também foi mencionada como um fator que potencializa discursos de intolerância e dificulta a implementação de uma educação mais inclusiva.

Muitas respostas destacaram que a desinformação e a polarização política contribuem para o avanço de posturas contrárias à inclusão de temas de diversidade na escola, reforçando preconceitos e deslegitimando iniciativas pedagógicas voltadas para o respeito às diferenças.

Apesar dessas dificuldades, a maioria dos participantes reconhece a importância da

inclusão da diversidade no currículo escolar.

A estratégia mais defendida para essa implementação é por meio de palestras, rodas de conversa, dinâmicas e projetos interdisciplinares, permitindo que o tema seja tratado de forma integrada e acessível aos estudantes.

Há também uma parcela significativa que defende que o tema seja inserido em disciplinas específicas, como Ciências, dentro dos conteúdos de corpo e saúde.

Diante dos desafios identificados, fica evidente que a promoção da diversidade nas escolas exige um compromisso coletivo e a adoção de estratégias que envolvam educadores, gestores, estudantes e suas famílias.

A capacitação docente surge como um fator central para garantir que o tema seja tratado de maneira fundamentada e segura, assim como o fortalecimento de políticas institucionais que assegurem o direito à educação inclusiva.

Além disso, é necessário ampliar o diálogo com as famílias e a comunidade, desconstruindo mitos e preconceitos para que a escola possa cumprir seu papel social de formação cidadã e combate à discriminação.

Portanto, os resultados reforçam que, embora haja consenso sobre a relevância do tema, sua implementação ainda encontra resistências estruturais e culturais que precisam ser superadas.

O fortalecimento do suporte institucional, a formação contínua dos professores e a promoção de espaços de diálogo aparecem como caminhos essenciais para transformar a escola em um ambiente verdadeiramente acolhedor e respeitoso para todos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou os desafios e percepções sobre a inclusão da diversidade e o enfrentamento do preconceito no ambiente escolar, considerando a perspectiva de educadores e profissionais da educação.

Ao longo da pesquisa, foram identificados entraves institucionais, sociais e culturais que dificultam a implementação efetiva de políticas inclusivas, bem como estratégias sugeridas para superar tais desafios.

Dentre os principais resultados, destacou-se a resistência da comunidade escolar e das famílias como um dos maiores obstáculos para a abordagem do tema em sala de aula.

A oposição de pais e responsáveis a discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual demonstra que ainda há uma forte influência de valores conservadores, muitas vezes reforçados por discursos religiosos e políticos.

Essa resistência impacta diretamente o trabalho docente, tornando-se um fator que limita a autonomia dos professores e dificulta a adoção de práticas inclusivas no cotidiano escolar.

A falta de capacitação docente também surgiu como um elemento crítico na análise. Muitos professores relataram insegurança e despreparo para abordar o tema, seja pela ausência de formação específica ou pelo receio de enfrentar represálias da comunidade escolar.

Esse dado reforça a necessidade de investimentos em capacitação continuada, garantindo que os profissionais da educação tenham suporte teórico e metodológico para lidar com questões de diversidade de forma pedagógica e fundamentada.

Outro fator relevante identificado foi a falta de apoio institucional e de políticas públicas. A ausência de diretrizes formais que respaldem o trabalho dos educadores contribui para a omissão diante de casos de preconceito e discriminação.

Sem um posicionamento institucional firme, tanto no âmbito escolar quanto em nível governamental, a inclusão da diversidade na educação fica sujeita a interpretações individuais e decisões fragmentadas, o que compromete a efetividade das ações pedagógicas.

Além dos desafios, a pesquisa revelou estratégias apontadas pelos participantes para promover a inclusão e o respeito às diferenças. Entre as sugestões mais citadas, destacam-se a realização de palestras, rodas de conversa e projetos interdisciplinares, que permitem a discussão da diversidade de maneira integrada e acessível aos estudantes.

Também foi sugerida a inserção do tema em disciplinas específicas, como Ciências, dentro dos conteúdos relacionados ao corpo e à saúde.

Essas abordagens foram amplamente defendidas como formas eficazes de sensibilizar a comunidade escolar e combater preconceitos.

Ao responder às questões de pesquisa, constatou-se que os principais entraves para a inclusão da diversidade na escola estão associados à resistência social e familiar, à falta de preparo dos docentes e à ausência de respaldo institucional. Por outro lado, as soluções mais viáveis envolvem a capacitação docente, a formulação de políticas institucionais e a adoção de metodologias participativas que engajem os estudantes no debate.

Diante dos resultados alcançados, este estudo contribui para o aprofundamento da reflexão sobre o papel da escola na promoção da diversidade e no combate à discriminação.

Além disso, abre caminho para futuras pesquisas que possam explorar aspectos específicos do tema, como a percepção dos próprios estudantes sobre o impacto da inclusão da diversidade no ambiente escolar ou a análise de políticas educacionais em diferentes contextos regionais.

Estudos futuros também poderiam investigar estratégias eficazes para dialogar com as famílias e reduzir as resistências à abordagem do tema na educação básica.

Portanto, reforça-se a necessidade de um compromisso coletivo para garantir que a escola se torne um espaço de aprendizado, acolhimento e respeito às diferenças.

O fortalecimento da formação docente, a implementação de políticas inclusivas e a construção de um diálogo contínuo com a comunidade escolar são caminhos essenciais para transformar o ambiente educacional em um espaço verdadeiramente plural e democrático.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Brasil. (2011). *Programa Escola Sem Homofobia*. Ministério da Educação. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9623-escola-sem-homofobia-pdf&Itemid=30192
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. SAGE Publications.
- Ferreira, A., & Heilborn, M. L. (2006). Sexualidade, adolescência e educação sexual: Um estudo de representações sociais de professores. *Educação e Pesquisa*, 32(2), 369–384.
- Foucault, M. (2012a). *O corpo e os seus modos de submissão*. Companhia das Letras.
- Foucault, M. (2017a). *História da sexualidade: A vontade de saber*. Graal.
- Foucault, M. (2017b). *História da sexualidade: O uso dos prazeres*. Graal.
- Foucault, M. (2019). *Microfísica do poder*. Graal.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Freitas, L. G. (2015). Educação e diversidade sexual: desafios e possibilidades. *Educação em Revista*, 31(1), 23–44.
- Junqueira, R. D. (2009). *Diversidade sexual na educação: Problemáticas para o público escolar*. Autêntica.
- Junior, J. M. F. (n.d.). Concílio de Trento. *Brasil Escola*. <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/concilio-trento.htm>
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Louro, G. L. (2001). *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica.
- Louro, G. L. (2004). *Corpo, escola e sexualidade: O que pode uma escola?* Vozes.
- Louro, G. L. (2007). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Louro, G. L. (2013). *Pedagogias da sexualidade*. Autêntica.
- Louro, G. L. (2016). *Corpos, gêneros e sexualidades: Política e pedagogia da diferença*. Papirus.
- Meyer, E. J. (2003). Gendered harassment in secondary schools: Understanding teachers' (non) interventions. *Gender and Education*, 15(5), 555–570.

- Mott, L., & Cerqueira, M. (2001). *Homofobia: Levantamento de episódios e atitudes homofóbicas no Brasil*. Grupo Gay da Bahia.
- Nunes, J. (2005). *O Concílio de Trento e as transformações da sexualidade*. Edusp.
- Russell, S. T., Kosciw, J. G., Horn, S. S., & Saewyc, E. M. (2011). Safe schools policy for LGBTQIAPN+Q students. *Social Policy Report*, 24(4), 1–25.
- Silva, D. N. (n.d.). Concílio de Trento: causas, decisões, história. *Educação*. <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/concilio-trento.htm>
- Silva, M. A. (2009). *Educação e diversidade sexual: Desafios e perspectivas para o contexto escolar*. Cortez.
- Spitzer, G. (2005). *Mulheres e a construção da igualdade*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Wolf, N. (1991). *The beauty myth: How images of beauty are used against women*. William Morrow.
- Bethânia. Aliança Nacional LGBTQIAPN+. (2022). *Cartilha LGBTQIAPN+: Guia sobre diversidade sexual e de gênero*. <https://www.aliancaLGBTQIAPN+i.org.br>
- Souza, M. H., & Pereira, P. P. (2013). Diversidade sexual: Uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(7), 2015–2022. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000700016>
- Jadejiski, R. R., Gomes, M. V., & Lima, A. R. (2022). Percepções e vivências LGBTQIAPN+ nas escolas. *Revista Tocantinense de Geografia*, 11(23), 168–186. https://www.researchgate.net/publication/359241943_PERCEPCOES_E_VIVENCIAS_LGBTQIAPN+QIA_NAS_ESCOLAS
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Delumeau, J. (1990). *O pecado e o medo: A culpabilização no Ocidente (séculos XIII–XVIII)*. Companhia das Letras.
- Weeks, J. (1985). *Sexuality and its discontents: Meanings, myths and modern sexualities*. Routledge.
- Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

ANEXO - GOOGLE FORMS

[HTTPS://FORMS.GLE/FU5okJF4JPH1EJST8](https://forms.gle/FU5okJF4JPH1EJST8)

The image displays two sequential screenshots of a Google Form titled "ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE" created by Naellen de Souza Oliveira (naellen.oliveira@unesp.br). The form is set to "Perguntas" (Questions) mode, showing 50 responses and 0 points.

Form Content:

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE Naellen de Souza Oliveira naellen.oliveira@unesp.br

formulário aplicado a professores

Eu declaro ser de meu interesse e inteira vontade a participação na pesquisa realizada pela Universidade Estadual Paulista sob a responsabilidade do Professor Wagner Sérgio Custódio. As informações obtidas durante este estudo são coletadas totalmente anônimas, e serão mantidas em sigilo e não poderão ser consultadas por pessoas leigas. No entanto, poderão ser utilizadas para fins de pesquisa científica, desde que minha privacidade seja a todo custo resguardada. Eu terei assegurada a liberdade de abandonar a pesquisa em qualquer momento. Fui informado de que tais atendimentos serão registrados, e autorizo a posterior divulgação da mesma com finalidade científica. Li e entendi as informações precedentes, sabendo que quaisquer dúvidas que possam vir a ocorrer, serão prontamente esclarecidas pelo pesquisador responsável. Em caso de eventuais denúncias poderei recorrer ao Comitê

☐ aceito

☐ não aceito

Resposta enviada: 22/03/2025 às 09:27

docs.google.com/forms/d/1KtbdXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phy3bKkaDLg/edit

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

☐ não aceito

Responda sua idade; formação; identidade de gênero e orientação sexual *

Texto de resposta longa

Qual sua área de atuação ? *

☐ PEB I - Fundamental I

☐ PEB II

☐ PEB I - Educação Infantil

☐ Equipe gestora (Direção, coordenação.)

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:28 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1KtbdXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phy3bKkaDLg/edit

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Se você assinalou PEB II, qual sua disciplina? *

Texto de resposta curta

Quanto tempo de experiência como professor(a)? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar? *

Texto de resposta longa

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:28 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1KtbdXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phy3bKkaDLg/edit

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais? *

Texto de resposta longa

Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade? *

Texto de resposta longa

Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais? *

Texto de resposta longa

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:29 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1KtbdXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phy3bKkaDLg/edit

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Você acredita que a inclusão de conteúdos relacionados a diversidade sexual no currículo escolar poderia ajudar a combater o preconceito? Como você abordaria esses temas em sua disciplina/aula? *

Texto de resposta longa

Quais são os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares? *

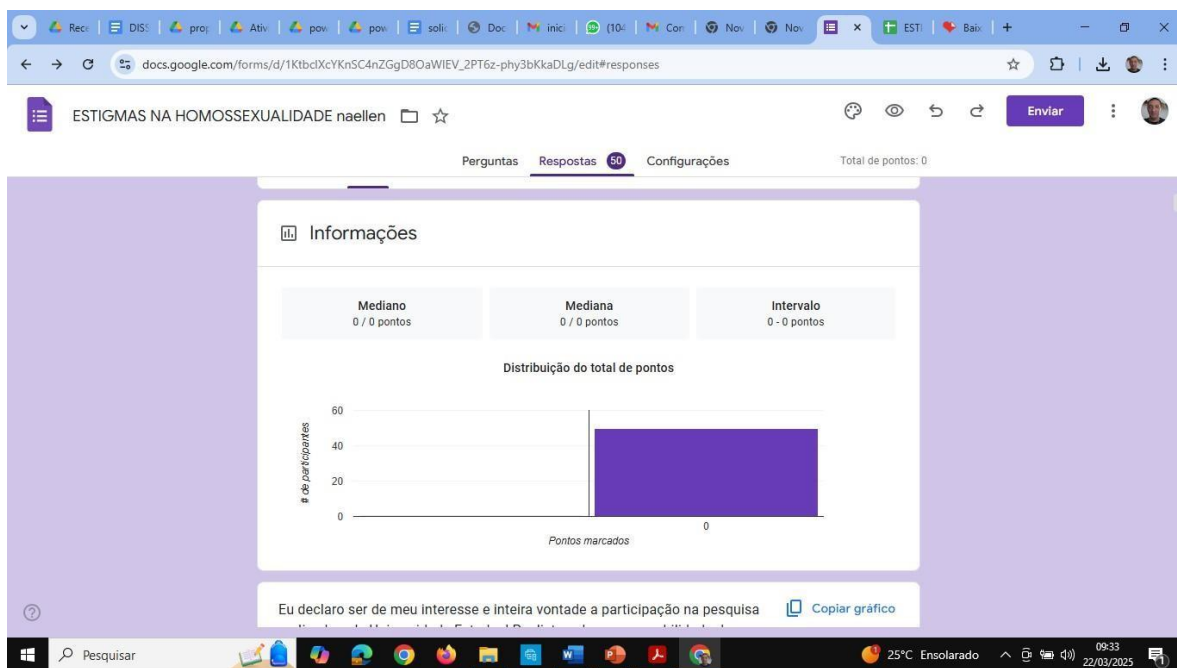
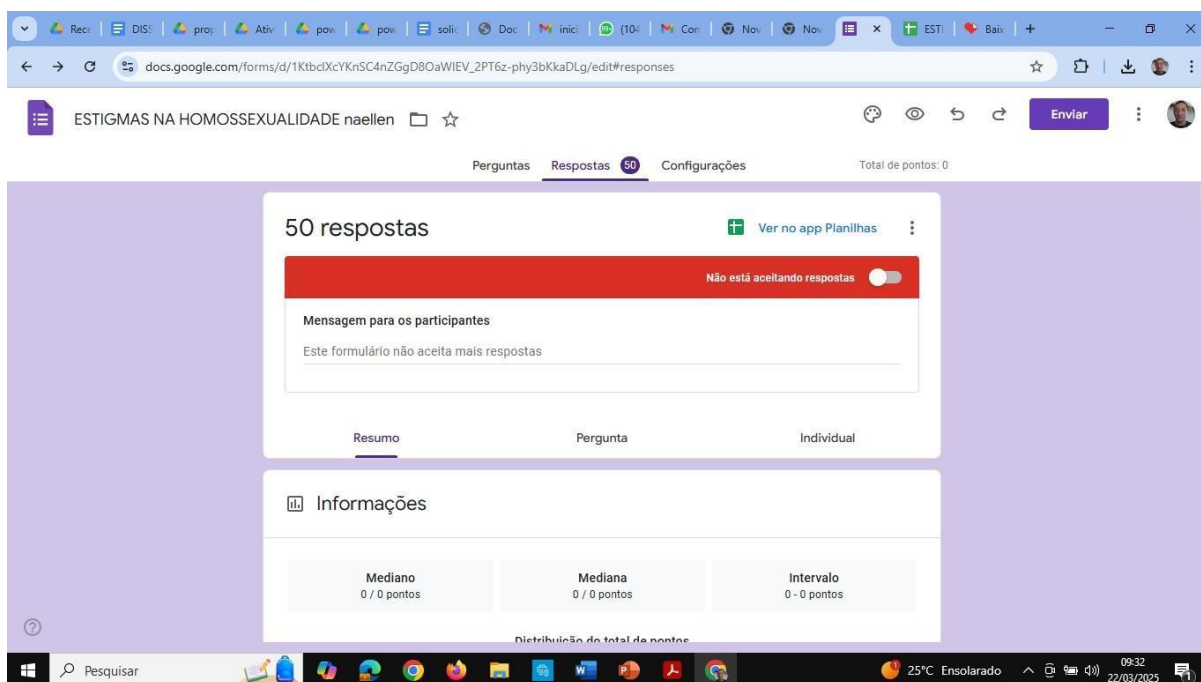
Texto de resposta longa

Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais? *

Texto de resposta longa

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:29 22/03/2025

APÊNDICES - RESPOSTAS



docs.google.com/forms/d/1KtbdXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phY3bKkaDLg/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade; formação; identidade de gênero e orientação sexual

50 respostas

41 anos, graduado em artes, com especialização em artes para ensino fundamental e médio, gênero masculino, heterossexual

3 grau completo, feminino, hetero

36 anos;

Feminino

44 anos, feminino, hetero

39, pedagogia, cisgenero, heterossexual

40, pedagogia. Gênero feminino, heterossexual.

41 anos; graduada em Letras e Pedagogia; mulher; heterossexual.

Cinquenta e oito anos. Pedagogia e Letras

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:34 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1KtbdXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phY3bKkaDLg/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Eu dectaro ser de meu interesse e inteira vontade a participação na pesquisa realizada pela Universidade Estadual Paulista sob a responsabilidade do Professor Wagner Sérgio Custódio. As informações obtidas durante este estudo são coletadas totalmente anônimas, e serão mantidas em sigilo e não poderão ser consultadas por pessoas leigas. No entanto, poderão ser utilizadas para fins de pesquisa científica, desde que minha privacidade seja a todo custo resguardada. Eu terei assegurada a liberdade de abandonar a pesquisa em qualquer momento. Fui informado de que tais atendimentos serão registrados, e autorizo a posterior divulgação da mesma com finalidade científica. Li e entendi as informações precedentes, sabendo que quaisquer dúvidas que possam vir a ocorrer, serão prontamente esclarecidas pelo pesquisador responsável. Em caso de eventuais denúncias poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa.

50 respostas

100%

● aceito
● não aceito

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:33 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade, formação, identidade de gênero e orientação sexual

50 respostas

- 41 anos, graduado em artes, com especialização em artes para ensino fundamental e médio, gênero masculino, heterossexual
- 3 grau completo, feminino, hetero
- 36 anos;
- Feminino
- 44 anos, feminino, hetero
- 39, pedagogia, cisgênero, heterossexual
- 40, pedagogia. Gênero feminino, heterossexual.
- 41 anos; graduada em Letras e Pedagogia; mulher; heterossexual.
- Cinquenta e cito anos. Pedagogia e Letras

Pesquisar

25°C Ensolarado 09:34 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade, formação, identidade de gênero e orientação sexual

50 respostas

- 35, pedagogia e letras, feminino, hetero
- 25 anos, pedagogia, heterossexual
- 35
- 42 anos, Pedagogia, Sexo feminino, feminino
- 32, executivo comercial, masculino, viadoo
- 60 anos, superior, feminino
- Tenho 56 anos ; formada em letras port / Inglês e pedagogia; gênero feminino. sou heterossexual.
- 32 anos
Pedagogia
Feminino

Pesquisar

25°C Ensolarado 09:35 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade, formação, identidade de gênero e orientação sexual

53 respostas

Heterossexual

53 anos
Pós graduação em Educação inclusiva
Feminino
Hétero

43 anos, professor , masculino e heterossexual

43 anos, professora, feminino e heterossexual

30 anos, pedagogia, feminino Heterossexual

44

51

39 anos, pedagogia, feminino, hétero.

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade, formação, identidade de gênero e orientação sexual

53 respostas

63 a, pedagogia, pós graduação em educação ,feminino, tradicional.

29, superior completo, homem, heterossexual

57, pedagogia, feminino, hetero

42; Pedagogia; feminino; heterossexual

53

49anos, Graduado em História e Pedagogia, Homem e Hétero

54 anos, pós graduação, heterossexual

47, professora, sexo feminino

55 anos, pós graduação em psicopedagógico, sexo masculino, heterossexual.

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade, formação, identidade de gênero e orientação sexual

53 respostas

- 54 anos, Pedagoga, feminino
- 40, pedagogo, heterossexual
- 43 anos, mestrado, heterossexual
- 44, Superior, feminino
- 40 heterossexual
- 34, superior, heterossexual
- Tenho 44 anos, formada em Geografia e Pedagogia. Mulher e heterossexual.
- 58 anos, Sexo Masculino, heterossexual !
- 32; pós graduada, feminino; heterossexual

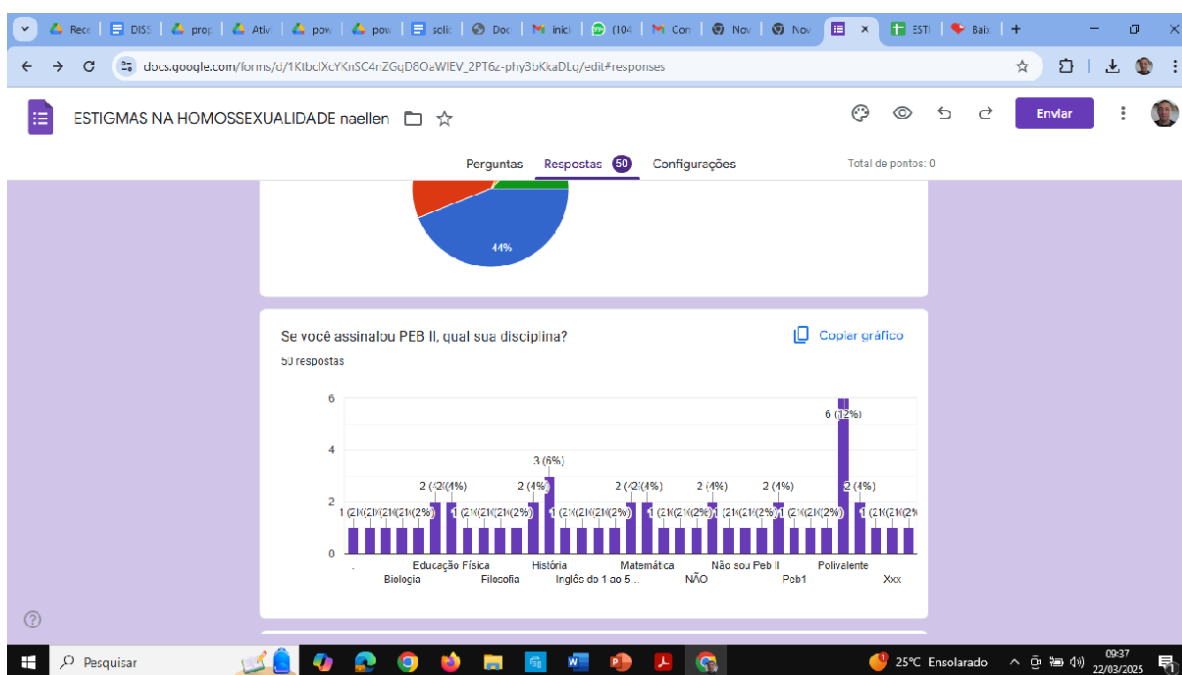
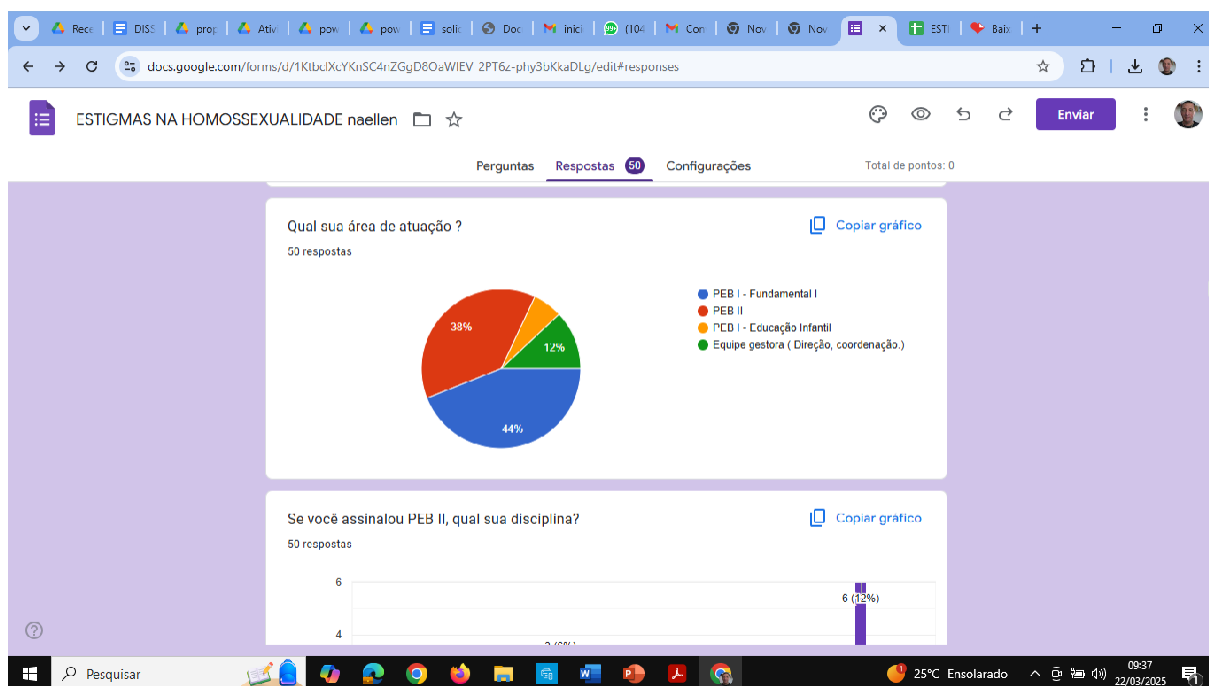
ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Responda sua idade, formação, identidade de gênero e orientação sexual

53 respostas

- 32; pós graduada, feminino; heterossexual
- 40 anos, educação física, masculino, heterossexual
- 46, psicopedagoga institucional e clínica, feminina hetero
- 64, pedagoga, feminina
- 50 anos, feminino, heterossexual
- 23 anos, Licenciatura em Pedagogia, Mulher, Assexual.
- Tenho 53 anos sou do sexo masculino e minha orientação sexual é heterossexual
- 48 anos. Professora de inglês. Feminino. Heterossexual
- 47; letros; feminina



Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quanto tempo de experiência como professor(a)?

50 respostas

21 anos
13 anos
16 anos
5 anos
35 anos
30 anos
9 anos
15 anos
3 anos

Windows Taskbar: 25°C Ensolarado 09:38 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quanto tempo de experiência como professor(a)?

50 respostas

19 anos
37 anos
17 anos
10 anos
36 anos
5 anos
7 anos
1 ano
34 anos

Windows Taskbar: 25°C Ensolarado 09:38 22/03/2025

Rec... DIS... prop... Ativ... pos... scl... Doc... inici... (10... Con... Nov... Nov... x ESTI... Bab... +

docs.google.com/forms/d/1K1bclXcYKnSC4rZGqD6OeWIEV_2PT6z-phy3uKkaDLq/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quanto tempo de experiência como professor(a)?

50 respostas

23 anos
12
4 anos
4 anos
40 anos
12 anos
28
21 anos
29 anos

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:39 22/03/2025

Rec... DIS... prop... Ativ... pos... scl... Doc... inici... (10... Con... Nov... Nov... x ESTI... Bab... +

docs.google.com/forms/d/1K1bclXcYKnSC4rZGqD6OeWIEV_2PT6z-phy3uKkaDLq/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quanto tempo de experiência como professor(a)?

50 respostas

24 anos
31anos e 4 na gestão
26 anos
14 anos
10 anos
1 ano e 6 meses
5 meses
23 anos
3 anos e meio

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:39 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar?

50 respostas

Discriminação

Utilização do banheiro, preconceito no geral.

Ser aceito entre os colegas.

Os desafios são diversos, desde um professor sendo questionado em sua capacidade enquanto professor ou até mesmo se ele pode influenciar as crianças a serem homossexuais. Mas vemos também crianças com medo de se expor (mais em relação ao pai) medo de serem hostilizadas...

A escola corrobora para a manutenção de padrões heterossexuais, colocando a margem social os que não se enquadram a esse padrão. Por fazer parte de uma construção cultural sobre o que entendemos sobre masculino ou feminino, a escola contribui para a manutenção das desigualdades fazendo com que esses sujeitos sejam alvos frequentes de violência e homofobia.

Interação/isolamento, agressão verbal; julgamento de imagem, gesto (físico); falta de orientação devido à opressão política social e cultural.

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

relação ao preconceito no ambiente escolar?

50 respostas

O maior desafio é conseguir lidar com o preconceito sem sofrer e procurar apoio.

Nos ambientes que trabalhei e trabalho nunca houve preconceito

aceitação dos colegas

O preconceito.

aceitação, ficam deslocados, são julgados...

Pelos pais e familiares

Ser respeitado como profissional

Os próprios, gostam de aparecer e não se dão o respeito. A escola respeita todos os gêneros.

Já tive alunos muitos alunos de gêneros diferentes do meu. O principal problema entre os adolescentes é até mesmo os adultos é a falta de respeito em aceitar o outro como ele é. Acontece que ninguém precisa

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar?

50 respostas

Em primeiro lugar, acredito que seja a falta de aceitação, a dificuldade de inclusão, agressões verbais e físicas, levando em consideração o bullying dia a dia.

A sua própria aceitação

A aceitação dos colegas

A aceitação do grupo, pois ainda existe muito preconceito

Acredito que falta apoio emocional/psicológico orientação individual e coletiva

Complexo

forma grupos separados

Tentar se encaixar nos padrões impostos pela sociedade.

25°C Ensolarado 09:40 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar?

50 respostas

O bullying dos colegas

Hoje não existe mais tanto preconceito. Os filmes, novelas, e até mesmo os desenhos infantis tratam o assunto com muita naturalidade.

A aceitação e o respeito

Serem respeitados, há muito julgamento e desprezo, principalmente pelos professores, vejo uma aceitação maior entre os alunos e enxergo um preconceito maior entre professores e funcionários da escola.

Preconceito, violência de seus direitos, exclusão, etc

Bullying e desrespeito

No fundamental I, o desafio são as piadinhas dos colegas.

26°C Ensolarado 09:41 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados por pessoas homossexuais em relação ao preconceito no ambiente escolar?

50 respostas

- Bullying
- Auto aceitação
- Preconceito por parte dos pais, no caso de professores. Pois maioria dos pais acreditam na influência dos professores na vida dos alunos.
- A aceitação, primeiramente entender se, depois aceitar e em seguida lidar com a aceitação da sociedade e da família
- Nenhum
- Falta de compreensão e empatia
- A sua própria auto aceitação !

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:41 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

50 respostas

- Eles ficam marginalizados quanto ao convívio social com os demais em sala
- A discriminação está em cada pessoa e muitas vezes a gente se depara com o próprio aluno sendo discriminado por ele mesmo. O conceito já muito o que precisamos é conscientizar as pessoas que não são diferentes e sim são elas e pararem de ficar achando que tudo é preconceito e bullying e não é bem assim, como já disse os conceitos já mudaram, basta apenas a própria pessoa crer nisso.
- Afeta em tudo, pois se a pessoa está vivendo em um lugar que não a aceitam como é, afeta sua autoestima e consequentemente seu aprendizado.
- O preconceito ainda é grande, mas a geração que está vindo já enxerga com outro olhar, já que convivem com casais homossexuais na escola, como pais de alunos e mesmo no âmbito familiar.
- Os estudantes acabam ficando mais quietos, se escondendo em seus sentimentos ou mascarando e o rendimento cai muito, não conseguem se concentrar, participar ativamente das atividades
- Os estudantes podem se sentir desestimulados pela aprendizagem por terem que frequentar um espaço que não preza pela aceitação das diversidades sexuais. Isso pode acarretar um grande sofrimento gerado

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:41 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

50 respostas

A discriminação advinda do preconceito faz com que o indivíduo se sinta excluído do ambiente escolar, logo, não tem estímulo e não consegue se desenvolver.

De diversas formas. Além de terem muitas faltas, alguns acabam tendo depressão.

Em relação aos estudantes às vezes por imaturidade há certas brincadeiras que afetam o aprendizado e relacionamento do estudante que sofre o preconceito.

Essa fase acontece em uma idade onde muitas mudanças acontecem, no corpo, na vida etc. Passar por esse preconceito faz com que o aluno não consiga ter foco na aprendizagem, pois tem como prioridade resolver seus problemas pessoais.

Insegurança, e principalmente estudantes que sofrem esse tipo de preconceito se isolam.

Acredito que eles não conseguem utilizar todos os seus conhecimentos, pois estão sempre sendo menosprezados, se sentem excluídos e, até mesmo, desencorajados a estarem ali.

Autoestima

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

50 respostas

Aumento de insegurança, que prejudica na forma de comunicação e socialização no ambiente escolar atrapalhando na aprendizagem

Cada precisa lidar com suas escolhas. Não costuma acontecer baixo rendimento

Eles precisam saber separar as coisas e se respeitar mais, só assim seu desempenho acadêmico e emocional estarão preservados.

A partir das experiências traumáticas, preconceito e exclusão, os estudantes acabam se escondendo, se retraindo, muita das vezes escondendo sua personalidade, e isso acaba os levando ao abandono escolar.

Sinceramente não vejo que afeta o desempenho, lógico que tem alguns que se vitimiza

Devido ao isolamento e a censura que sofrem

Diretamente, pois é notório que os estudantes ficam preocupados com sua aceitação, tentando o tempo todo não ser estereotipado

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

50 respostas

Na autoestima, aceitação, convívio com os colegas

Muro

sim

Pode afetar muito, pois muitas vezes não são aceitos, não são respeitados

O preconceito intimida o indivíduo

Alguns alunos podem ter problemas com a autoestima, dificuldade na socialização com os colegas de classe, e até mesmo dificuldade em assumir para si mesmo a sua própria sexualidade, com isso o desempenho acadêmico pode não ser dos melhores pois os alunos podem ficar mais retraídos, ou até mesmo com algum tipo de ódio causado pelo bullying dos colegas que afeta todo o resto

Acredito que o fato da pessoa não entender o que exatamente ela quer para sua vida, deixa confusa e desanima para as questões práticas.

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:45 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

50 respostas

Intensificando o conflito interior, diminuindo a autoestima, desviando o foco da aprendizagem.

De um modo geral

Vejo isso no desempenho da oralidade dentro de sala, normalmente nos debates e explicações os estudantes homossexuais evitam falar.

Afeta quando não há respeito a diversidade. Quando o sentimento de inferioridade sobressai a identidade de gênero.

Afeta o emocional

No ciclo I em meus 24 anos de magistério, nunca presenciei esse tipo de preconceito pois não fica muito evidente esse homossexualismo.

Dependendo do ambiente, afeta demais, principalmente se a pessoa não for bem resolvida

O aluno se sente menosprezado

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:46 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Como o preconceito afeta o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional de estudantes homossexuais?

50 respostas

Com uma resposta, eu não sei responder a essa pergunta de forma adequada.

Ao sentirem como pessoas excluídas, sentem-se como não pertencentes a aquele grupo e consequentemente ficam menos propensas a adquirirem o conhecimento.

Desmotivação para ir a escola, desconcentração, timidez excessiva, isolamento do grupo.

Eles ficam nervosos, se fecham, não participam da aula e até desenvolvem quadros de depressão.

Eles se sentem rejeitados. Totalmente excluídos

Não há uma resposta. Pois todo comprometimento dependerá da forma como este indivíduo permite abertura de sua vida pessoal. Pois na medida em que se respeita se é respeitado - não se trata de homossexualismo, trata-se do ser humano em geral e de seu comportamento social. Pois infelizmente, hoje, nas salas de aula são mais desrespeitados aqueles que não compactuam do pensamento apresentado. Seria interessante que todos pudessem viver com respeito pelos seres humanos que são e de como se comportam em sociedade e não por estigmas que subdividem a espécie construídos ao longo da trajetória. Preto, branco; hetero, homo; gordo, magro; rico ou pobre. Somos todos seres em construção que se alegram com o respeito recebido e deveria oferecer aquilo que também espera receber dos outros.

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:46 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?

50 respostas

Palestras, informativos, dias de convivência

Como disse a homossexualidade não deve ser tratada como algo diferente e sim algo normal, se for dado muito ênfase nisso em sala de aula aí sim ocorrerá o preconceito, os alunos precisam se conscientizarem que existe outras categoria de gênero e pronto, vida que segue.

Palestras, projetos tanto para os alunos quanto para os pais. Pois o maior preconceito vem da adultos de casa.

Diálogos.

Primeiro devem ser trabalhadas essas questões entre os funcionários da escola(sempre há preconceitos de todas as partes) . Depois deve-se elaborar projetos, e palestras acerca do assunto, envolvendo os estudantes e principalmente, ouvindo-os

O desenvolvimento de projetos voltados para uma educação sexual (pedagogia queer) que vá além das

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:47 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

acerca da homossexualidade?

50 respostas

- Trabalhar as diferentes para uma maior interação e conhecimento da comunidade escolar.
- Palestras, rodas de conversa e conscientização.
- Projetos de convivência e bullying
- Palestras, atividades em grupo,
- Esse tema deve ser abordado mais em sala de aula, pois falta informação. As famílias também devem receber mais informações.
- Ser trabalhado com as crianças e com os responsáveis a naturalidade da homossexualidade
- Não dar ênfase a homossexualidade
- Educação sexual mostrando que ser diferente é normal.
- Conversar com os alunos, explicar que cada um tem seu jeito e precisam ser respeitados. Um tutor para

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:48 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?

50 respostas

- Difícil...
- Palestras sobre o respeito e a igualdade, que todos devemos ter. Dinâmicas sobre o assunto. Filmes, mas com os pequenos o tema é difícil.
- O ambiente escolar deve propiciar e fomentar espaços para o diálogo, a discussão, reflexão sobre o preconceito, explicando a importância da empatia, relatando a realidade da homossexualidade, e a importância da educação inclusiva, na qual está aberta para todos.
- Palestras, roda de conversa
- Adotar constantemente estratégias de ensino que ensinem os alunos a vencer os preconceitos e respeitar a individualidade de cada ser humano
- Acredito que seja através de conversas, palestras e orientações não apenas em sala de aula e sim com a comunidade escolar

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:48 22/03/2025

Google Docs interface showing a Google Form titled "ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen". The form is in "Respostas" (Responses) view, showing 50 responses. The question is: "Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?"

50 respostas

- uma mais conscientização
- Trazer do pelestres com profissionais da área e conversar muito sobre o assunto.
- Ofertar projetos que levem os estudantes a refletirem sobre o tema.
- Palestras em parcerias com equipamentos da prefeitura que fazem trabalho sobre sexualidade como o CRAS, abordagem do tema em aulas próprias para o assunto, trabalhos contra bullying
- Não se deve forçar, esse assunto deve ser tratado em casa e não na escola.
- Projetos envolvendo toda a comunidade escolar contra o preconceito e o ódio.
- Palestras e esclarecimentos
- Mais palestras para os alunos e principalmente os pais e funcionarios, paiestras voltadas para o tema.
- Um diálogo aberto e esclarecedor combate a qualquer tipo de preconceito. Formação para a equipe

Google Docs interface showing a Google Form titled "ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen". The form is in "Respostas" (Responses) view, showing 50 responses. The question is: "Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?"

50 respostas

- Conscientização
- O trabalho do professor é uma excelente estratégia na conscientização desse preconceito.
- Trabalhando a adversidade
- Rodas de conversas
- Conversar individualmente
- O diálogo
- Conversar com a família
- Ensinar o respeito ao ser humano. Questões sexuais são do âmbito pessoal.
- Com muito diálogo e naturalidade.

docs.google.com/forms/d/1K1bJXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phY3bKkaDLg/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais estratégias podem ser adotadas pelas unidades escolares para combater os estigmas acerca da homossexualidade?

50 respostas

Imagino que devem ser usadas formas de aceitação trabalhando as relações interpessoais. Mostrando que cada pessoa é única e possuidora de habilidades, mesmo não sendo consideradas dentro de um "padrão".

Tratar a sexualidade das pessoas sem ser um tabu. Assim como existem casas de homens e mulheres, também existem diversos outros tipos. Trabalhar a conscientização dos alunos para a violência e as consequências dessas ações, e não como se a homossexualidade fosse algo incomum, exótico. É normal e ponto.

Debates, rodas de conversas, dinâmicas de grupo

Falar e debater sobre o assunto

Nenhuma, nesse sentido. Penso que os profissionais que têm contato direto com os estudantes possam continuar trabalhando no incentivo à empatia, ao respeito mútuo. Independente de raça, religião, ou qualquer causa nova que possa aparecer. Mesmo porque, trabalhar por uma única causa faria de nós, profissionais da educação, incoerentes e injustos, uma vez que constitucionalmente somos todos iguais perante a lei...

Pesquisar 25°C Ensolarado 09:50 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1K1bJXcYKnSC4nZGgD8OaWIEV_2PT6z-phY3bKkaDLg/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?

50 respostas

A inclusão deles é muito difícil por que eles também estão mudando a todo momento de postura, ora são decididos no seu engajamento, ora são passivos do que a sociedade impõe

As pessoas homossexuais precisam mudar

Os pais dos alunos, pode muitos são preconceituosos.

São grandes os desafios, mas o diálogo é o nosso grande aliado a enfrentar os preconceitos e criar um ambiente acolhedor para TODOS.

O maior desafio, sem dúvidas, é com relação aos pais. Sempre que um assunto sobre sexualidade, identidade de gênero ou orientação sexual é inserido nas aulas, nos deparamos com diversos pais reclamando que "estamos fazendo a cabeça dos filhos deles" e também a direção da escola, que fica receosa sobre o que os pais irão pensar

Primeiramente, os desafios a serem superados são os discursos promovidos por setores conservadores da sociedade que costumam ter as temas relativos a sexualidade e gênero das escolas precisam ser

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:50 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?

50 respostas

- Conversa e respeito
- O principal problema é o estigma que eles já trazem de casa.
- Falta de orientação, falta de recursos!!
O preconceito enfrentado por parte dos estudantes e suas famílias.
- Entender que esse aluno é igual aos demais
- A própria cultura homofóbica que está incutida em nossa sociedade e dificulta o diálogo sobre essa questão.
- O preconceito da comunidade em geral, tudo que se fale é distorcido e leva para uma conotação sexual
- A sociedade, primeiro deveria ser feito um trabalho de conscientização com as famílias, a maior parte do preconceito vem dos familiares, falar sobre sexo é um tabu, sobretudo quando o assunto é relacionado à sexualidade. Orientar primeiramente os familiares sobre a necessidade desse apoio na escola.

26°C Ensolarado 09:51 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?

50 respostas

- Trabalhar de acordo com os documentos curriculares e o preconceito da sociedade.
- As políticas públicas que ainda barram uma educação sexual mais efetiva.
- Como escrevi na resposta anterior projetos de convivência e aceitação das diferenças
- Aceitação dos gestares
- Falta de tempo para refletir sobre temas assim tão relevantes. Pois são muitas cobranças sobre conteúdos e disciplinas que os profissionais da educação ficam sobrecarregados e acabam não trabalhando de maneira mais aprofundada sobre sexualidade.
- Acredito que o principal, é que grande parte dos gestores são preconceituosos, mas acreditam que não sejam. Então, os mesmo, não sabem como agir.
- As famílias

26°C Ensolarado 09:51 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?

50 respostas

Todos possíveis

treinamento dos professores

Fazer a sociedade entender que a conversa e o esclarecimento de dúvidas é sempre o melhor caminho.

Envolver as famílias dos estudantes para promover a desmistificação, pois essas, na maioria das vezes, são responsáveis pelos preconceitos inseridos no cotidiano das crianças.

Fazer os pais entenderem que este tipo de educação começa em casa, e eles tem que serem livres de preconceito pois são espelhos para os filhos

Falta de profissional capacitado

A postura da sociedade em si, os pais e a religiosidade.

Google Docs

Pesquisar

26°C Ensolarado 09:52 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais os principais desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente inclusivo e livre de preconceito para pessoas homossexuais?

50 respostas

Tratando todos com igualdade e os preconceituosos serem chamados, quantas vezes forem necessárias, para esclarecer o que é realmente o homossexualismo.

Imagino que a mudança de pensamento e a aceitação devem ser trabalhados primeiramente com os adultos e que tem um conceito formado e tradicional. So assim, com a equipe tendo o espírito de aceitação trabalhar a criança e o adolescente.

A religião tem muito a ver com o preconceito, e geralmente as pessoas mais velhas têm mais dificuldade em lidar com o assunto justamente por terem vivido em uma época em que as pessoas escondiam demais o tema.

O engajamento de toda a equipe para discutir o problema, a falta de formação para os profissionais da escola.

A escola por Mais que tentamos ainda eh muito difícil tratar esse assunto. Tem muitas pessoas na escola que não conseguem falar sobre assunto.

Pesquisar

26°C Ensolarado 09:52 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Você acredita que a inclusão de conteúdos relacionados a diversidade sexual no currículo escolar poderia ajudar a combater o preconceito? Como você abordaria esses temas em sua disciplina/aula?

50 respostas

Acho que isso não ajudaria

Não, pois não existe conteúdos sobre hetero, homens, mulheres e etc. Tudo tem que ser normal, sem diferença.

É muito importante. Abordaria de forma normal, como qualquer outra disciplina.

Isso já é realizado, através do rodas de conversa. Trabalhamos a parte afetivo, emocional dos alunos.

Acredito que seria um caminho mais amparado por lei. Conseguiríamos envolver os alunos em rodas de conversa, debates... sem "fugirmos" do conteúdo escolar.

Com certeza. A única maneira de romper com os tabus e preconceitos que cercam as orientações sexuais é esclarecendo sobre elas, mas para isso penso ser necessário que os professores sejam capacitados na temática, para conduzir seu trabalho de forma eficaz e esclarecedora. A abordagem deve ser alicerçada pelo respeito, no esclarecimento de dúvidas e priorizando o diálogo entre os estudantes.

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Você acredita que a inclusão de conteúdos relacionados a diversidade sexual no currículo escolar poderia ajudar a combater o preconceito? Como você abordaria esses temas em sua disciplina/aula?

50 respostas

Sim. No meu componente curricular seria mais fácil, porque o trabalho com os gêneros textuais traz um leque de possibilidades.

Seria algo mais... tudo vem a somar

Sim, no entanto no ensino médio, mostrando através das dinâmicas que todos somos iguais e ao mesmo tempo todos temos diferenças e que elas devem ser respeitadas

Sim, uma roda de conversa seria o primeiro passo.

Acredito que isso vai além da sala de aula. É preciso trabalhar com os responsáveis também. A criança não nasce preconceituosa, ela é ensinada a ser assim.

Sim

Sim, dinâmicas de grupo mostrando a diversidade de forma geral e não só sexual

Não, isso cria mais preconceito. Basta a sociedade e mídias encher a cabeça de criança com tanta

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

50 respostas

Preclaríamos mudar muitas coisas. Não saberia por onde começar.

Acredito, com certeza, faria total diferença!

Em minha aula, eu trabalharia com rodas de conversas vinculadas ao tema dos direitos e deveres dos cidadãos, do respeito e da diversidade humana.

Trabalharia com vídeo aula, mostrando a realidade dessas pessoas homossexuais, deixando o diálogo aberto para os alunos opinarem, sobre como poderíamos colaborar para a inclusão de forma cigna dos mesmos.

Não.

Sim. Eu abordo pelo aspecto legal, demonstrando que nossa Constituição e o conceito de sociedade liberal protege as escolhas de cada indivíduo e diálogo sobre a importância de ser respeitada a individualidade de todo cidadão, independentemente de suas escolhas no campo sexual, religioso, político e cultural

É de extrema importância, com intervenções imediatas em faixas preconceituosas e deixando claro a importância do respeito com o próximo pois sabemos que existe diferença de um ser humano para o outro em todos os sentidos

Quais são os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais no engajamento e na

26°C Ensolarado 09:54 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

50 respostas

Você acredita que a inclusão de conteúdos relacionados a diversidade sexual no currículo escolar poderia ajudar a combater o preconceito? Como você abordaria esses temas em sua disciplina/aula?

porque cada turma tem as suas peculiaridades, trabalharia de maneira simples e sem pornografia.

Acredito que sim, mas se integrado a um tema geral e não como o tema em específico... Justamente pela recusa dos pais caso. Agora, trabalho a diversidade e o preconceito em sala de aula com tranquilidade: diversidade étnica, cultura, religiosa, sexual etc. Quando o assunto é abordado de maneira geral, com enfoque ao respeito da diversidade e na conscientização da violência, com meus alunos torna mais fácil o diálogo e a compreensão do que é preconceito.

Sim acredito. Eu abordaria com debates e todas de conversas.

Sim. Sou super a favor. Temos que inovar sempre. Fazer com que os alunos homossexuais sejam felizes com sua opção Sexual.

Não. Discordo plenamente. Pois se isso ocorresse, deveríamos abrir espaço para todas as minorias que surgirem como a pessoa preta, asiática, obesa, alta, baixa, desprovida de roupas da moda e de higienização, a pessoa demasiadamente talentosa e a quieta, alias todas enfrentam os mesmos desafios. E o material didático não deve tomar partido ou defender causas, ele serve de norte para trabalharmos o ensino aprendizagem. Nesse sentido, o profissional que está a frente do trabalho trabalhará em prol disso para que todos se respeitem mutua e corriqueiramente.

26°C Ensolarado 09:54 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

para que todos se respeitem mútua e corriqueiramente.

Quais são os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares?

50 respostas

Desânimo, falta de expectativa profissional, dificuldade de aprendizagem

Nenhum se a pessoa estiver preparada e isso não é responsabilidade da escola e sim de cada um com a sua família.

Impacta na autoestima.

Não tenho esse problema nas minhas aulas e também no ambiente escolar .

Eles , geralmente, evitam participar de atividades que requerem integração com outros alunos, por medo de serem hostilizadas, criticados ou sofrerem bullying

geralmente essas pessoas são excluídas pelos demais, por estarem fora do padrão heteronormativo. A exclusão, o bullying e a violência podem prejudicar a saúde mental dessas pessoas.

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:54 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais são os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares?

50 respostas

Grandes impactos acontecem, tendo em vista toda pressão psicológica, as experiências traumáticas, tudo isso acontece de forma tão perversa, que os levam ao desinteresse pelo ambiente escolas .

Aqui ainda não temos esse problema

Existe uma resistência de parte dos alunos de interagir com eles de forma mais ampla

Percebo que gera indisciplina, com alunos maiores evasão escolar e a falta de participação dos mesmo por medo de ser vítima de piadinhas inadequadas

Muitos ao perceberem a barreira que encontra para lidar com a causa, sentem a desmotivação, o desamparo e a exclusão que a sociedade mostra em relação à causas homossexuais

Isolamento

muito significativa

Na maioria são negativos, pois muitos preferem não participar para não se expor.

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:55 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1K1bXJcYKtSC4rZGqD6OeWIEV_2PT6z-phY3uKkaDLg/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais são os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares?

50 respostas

- O silêncio, sinto que eles preferem se calar em diversas atividades escolares (debates)
- Infelizmente, existe. Mas, como educadora que somos temos o dever moral de combatermos esse preconceito com conhecimento e empatia.
- Desânimo e falta de estímulo
- Nunca presenciei esse tipo de preconceito.
- Não passamos por isso, pois sendo uma escola de fundamental I, ainda não temos aluno que aflorou a sexualidade homossexual
- A pessoa é tratada de outra forma
- Deve ser combatido porém deve ser respeitada opiniões contrarias
- Muitas vezes não são aceitos por colegas.
- Não temos este problema

Pesquisar

26°C Ensolarado 09:55 22/03/2025

docs.google.com/forms/d/1K1bXJcYKtSC4rZGqD6OeWIEV_2PT6z-phY3uKkaDLg/edit#responses

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Quais são os impactos do preconceito contra pessoas homossexuais no engajamento e na participação nas atividades escolares?

50 respostas

- Penso que o preconceito é um forma de pensar que agride e destrói possibilidades de gerar vidas saudáveis e respeito às diferenças
- Muitas vezes, a pessoa não é escolhida para um trabalho em grupo ou na divisão do time na educação física. Fora as piadinhas, isso gera um certo retraimento, que precisa ser combatido.
- Muitas das vezes verificamos os extremos. Temos aqueles alunos que ficam retraídos e sem estímulo nenhum e aqueles que viram vítimas de chacota pela turma por quererem se mostrar demais.
- Bullying, principalmente. A chacota, os apontamentos, as "piadinhas" e ofensas sem graça. As crianças percebem o que é diferente, e uma das primeiras reações é justamente anunciar pra todo mundo e "zoar". Lógico que isso leva a brigas, que muitas vezes podem escalar e se tornarem físicas.
- O rendimento cai por conta de visão que os demais discentes tem sobre as pessoas homossexuais.
- Na minha escola não conseguimos abordar esse assunto abertamente. Minha escola é civico militar.
- Nenhum.

Pesquisar

26°C Ensolarado 09:55 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais?

50 respostas

- Explicar que a homossexualidade é um fenômeno humano, mas que não deve ser incentivado.
- Não dar atenção a brincadeiras sem noção em nenhum sentido e não somente com homossexualidade
- O próprio preconceito, os estigmas.
- A falta de informação
- Não termos total liberdade de expressar opiniões e responder dúvidas dos próprios estudantes, por ser um assunto complicado, a grande maioria das direções de escola pedem para evitar o assunto
- O avanço do conservadorismo e fundamentalismo religioso e sua forte influência na concepção das leis são os principais desafios, pois essas leis vão surtir efeitos em todas as escolas do país, sendo assim, o preconceito e a violência continuam sendo relativizados como normais.
- Estar limitada a ações.

26°C Ensolarado 09:55 22/03/2025

Google Docs: ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais?

50 respostas

- Nenhum
- Cilha no FM não teve problemas com este tipo de assunto, mas foi no fund I que tive um aluno com traços de homossexual e que perturbava a sala, desvirtuando a aula e eu declarei que não soube o que fazer com ele. O desrespeito e falta de limites era dele para com a sala e o professor. Como ele era pequeno 4 e 5 ano, penso que nem ele sabia o que estava fazendo, mas que ele atrapalhava, ele atrapalhava e muito. Então penso que ao tentarmos incluí-los temos que ver os dois lados da questão. A inclusão precisa acontecer com uma via de mão dupla.
- O preconceito dentro da unidade escolar!
- Fazer com que ele próprio se aceite
- A conscientização deve ser constante porque eles trazem a cultura homofóbica de sua formação familiar e de suas vivências em sociedade
- Muitas vezes por falta de apoio da gestão escolar ficamos inseguros na forma de agir, onde se houvesse

26°C Ensolarado 09:56 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais?

50 respostas

- Trabalhar as diversidades
- A ingerência de pais ultra- conservadores
- Desafios de aceitação, respeito a diversidade.
- Trabalhar a conscientização dos mesmos
- Não tenho como opinar.
- Não sei responder, qual desafio, não passei por isso ainda
- As diferenças
- Respeitar opiniões divergentes
- Primeiramente os professores deveriam ser capacitados. Pois não temos nada que nos auxilia .

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:56 22/03/2025

ESTIGMAS NA HOMOSSEXUALIDADE naellen

Perguntas Respostas 50 Configurações Total de pontos: 0

Na sua concepção, quais os principais desafios enfrentados ao lidar com situações de preconceito contra estudantes homossexuais?

50 respostas

estar muito grande quando a escola gerou uma nota dizendo que não trabalhava o tema como Projeto Escolar. Ou seja, acredito que o problema seja justamente a crítica das pessoas mais religiosas, e uma certa ausência de autoridade da gestão escolar, mas também do município, em promover debates e tornar a escola em um lugar que esses temas não só podem, como devem ser discutidos e que isso não é doutrinação. É ajudar a desenvolver cidadãos que respeitem as diferenças.

Abordar o assunto abertamente e de forma natural todas as disciplinas.

Regimento escolar e material que seguimos

Os estudantes homossexuais apenas são notados quando ficam se expondo como tal, e muitas vezes, vitimizando-se como se fossem pessoas criticadas no mundo. Haja vista que a escolha sexual sempre foi e deveria continuar no privado. Visto que tratam-se de assuntos pessoais. Acontece que com as redes nada mais fica no privado, as pessoas perderam a noção do que deveria ser privado e público. Entretanto, voltando ao questionamento inicial, diante das situações vividas em salas de aulas, tais estudantes, em sua maioria, são muito provocadores, polêmicos, desrespeitam regras, interferem na vida de outros, sendo assim fica difícil falar a respeito de desafios. Por isso defendo a tese de que o respeito mútuo ultrapassa tal barreira. Como falar de contra, quando se há provocações. Como falar de respeito se não respeitam.

Pesquisar 26°C Ensolarado 09:56 22/03/2025